

FABIOLA SUCUPIRA FERREIRA SELL

**ESTUDO DAS INTERROGATIVAS DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO
EM TEORIA GERATIVA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-
graduação em Letras / Lingüística da Universidade
Federal de Santa Catarina como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Figueiredo Silva

Co-orientador: Prof. Dr. Carlos Miotto

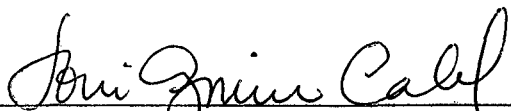
UFSC

Curso de Pós-graduação em Letras / Lingüística

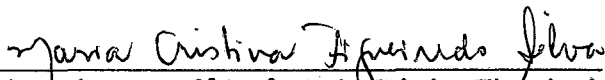
1998

ESTUDO DAS INTERROGATIVAS DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO
EM TEORIA GERATIVA

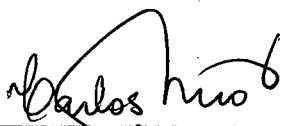
Esta dissertação foi julgada para a obtenção do grau de Mestre em Letras/Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.



Coordenadora: Prof.^a Dr.^a - Loni Grimm Cabral (UFSC)

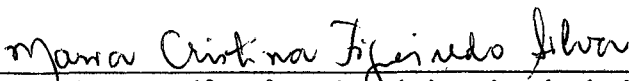


Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Figueiredo Silva (UFSC)

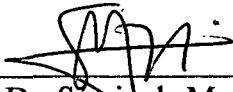


Co-orientador: Prof. Dr. Carlos Mioto (UFSC)

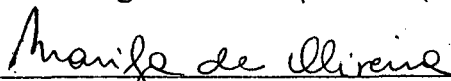
Banca Examinadora:



Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Figueiredo Silva (UFSC)



Prof. Dr. Sérgio de Moura Menuzzi (PUC-RS)



Prof.^a Dr.^a Marilza de Oliveira (USP)

Para os meus avós

João e Jenny,

Nelson e Leda.

AGRADECIMENTOS

À Cristina, minha orientadora, pela orientação segura e principalmente pela confiança mútua e por sua amizade;

Ao Prof. Mioto, que me apresentou à Teoria Gerativa, me incentivou a fazer mestrado e me orientou na descrição das interrogativas;

À Suzana, secretária do curso de pós-graduação, colega e amiga, por todo o apoio;

Ao Prof. Sérgio Menuzzi, por sua atenção e pela bibliografia que me cedeu;

À CAPES, que financiou esta pesquisa;

Ao meu marido e à minha mãe, pelas leituras, sugestões e pelo apoio emocional;

Aos meus irmãos, que sempre acreditaram em mim;

À memória do meu pai, na qual muitas vezes busquei o incentivo;

A todos os meus familiares;

Aos meus amigos,

muito obrigada.

SUMÁRIO

Introdução	1
CAPÍTULO 1: Descrição das Interrogativas	3
1. Introdução	3
2. Interrogativas Y/N	4
2.1. Alemão e Inglês	4
2.1.1. Alemão	4
2.1.2. Inglês	6
2.2. Português Brasileiro	8
3. Interrogativas WH	13
3.1. Alemão e Inglês	14
3.1.1. Alemão	15
3.1.2. Inglês	16
3.2. Português Brasileiro	17
4. Resumo do Capítulo	28
CAPÍTULO 2: Quadro Teórico	30
1. Introdução	30
2. Estudos Gerativos sobre Interrogativas	33
2.1. Estudos Gerais sobre Interrogativas	33
2.1.1. Pesetsky (1987)	34
2.1.2. Rizzi (1991)	41
2.2. Análise das Línguas Românicas	49
2.2.1. Torrego (1984)	49
2.2.2. Ambar (1987)	56
2.3. Análise do Português Brasileiro	60

2.3.1. Menuzzi (1993)	60
2.3.2. Miotto (1994)	68
2.3.3. Miotto & Figueiredo Silva (1995) e Miotto (1997)	73
CAPÍTULO 3: Discussão dos Dados	79
1. Introdução	79
2. Interrogativas WH	79
2.1. Sobre a Inversão	80
2.2. Sobre WH <i>in situ</i>	89
2.3. Inserção de <i>que/é que</i>	93
3. Sobre Interrogativas Y/N	94
CAPÍTULO 4: Conclusão	100
Bibliografia	101

RESUMO

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar o comportamento sintático das sentenças interrogativas do PB a partir do modelo de Princípios e Parâmetros na versão da Teoria da Regência e Vinculação (TRV) da Teoria Gerativa. Basicamente, existem dois tipos de perguntas no PB, como de resto nas línguas naturais: as interrogativas *yes/no* (Y/N) ou *polares*, assim denominadas por poderem receber, em geral, *sim* ou *não* como resposta e as interrogativas *não-polares* ou WH, que se caracterizam por conterem expressões interrogativas, chamadas WH em Teoria Gerativa.

A descrição das Interrogativas Y/N do PB nos fez perceber que nessa língua não só é possível responder a elas através da polaridade *sim* ou *não*, como em outras línguas, mas também com o verbo finito na sentença, com certos advérbios que precedam o verbo finito, com certos quantificadores na posição de sujeito ou ainda com a cópula *É*.

A análise das Interrogativas WH do PB mostrou que, apesar de elas apresentarem a ordem Sujeito-Verbo, pouco comum em outras línguas, o PB satisfaz, através de Concordância Dinâmica, o Critério WH de Rizzi (1991), uma condição de boa formação das sentenças interrogativas.

INTRODUÇÃO

As sentenças interrogativas despertam interesse porque se estruturam de maneira particular nas línguas naturais. Esse modo peculiar de se estruturarem deriva muitas vezes de mecanismos que distinguem uma sentença interrogativa de uma sentença declarativa. Assim, por exemplo, enquanto em algumas línguas é necessário mudar a ordem canônica dos constituintes para formar uma interrogativa, em outras línguas uma tal mudança não é necessária, sendo feita a distinção na fonologia, pela mudança entonacional ou pela presença de algum tipo especial de elemento.

Muitos estudos acerca das interrogativas de várias línguas mostram que existem certas características comuns em suas estruturas. Por exemplo, o fato de as interrogativas geralmente apresentarem a ordem VS. Tal fato parece confirmar o postulado da Gramática Gerativa de que existe uma Gramática Universal. No caso particular das interrogativas, um postulado potencialmente universal seria o de tais sentenças envolverem sempre a ordem VS. No entanto, à primeira vista, as interrogativas do Português Brasileiro (PB) parece refutar tal postulado.

Neste trabalho estudaremos as estruturas interrogativas Yes/No (Y/N) e WH do PB, sob a perspectiva da Teoria Gerativa buscando argumentos que sustentem o postulado da Gramática Universal frente aos problemas apresentados por tais estruturas em PB.

Uma caracterização mais precisa do que são sentenças interrogativas é dada no primeiro capítulo, que comporta também a descrição dos dados que julgamos mais interessantes acerca das interrogativas em PB. Além disso, incluímos uma descrição resumida das interrogativas Y/N e WH do alemão e do inglês, a fim de mostrar que o PB se comporta de modo diferente destas línguas no que concerne às estruturas interrogativas.

O segundo capítulo compreende as resenhas de autores que usaremos como base teórica da análise das interrogativas do PB. As duas primeiras resenhas trazem estudos mais gerais sobre interrogativas. As duas subseqüentes tratam do comportamento sintático das interrogativas em espanhol e em Português Europeu (PE). As demais trazem estudos sobre as interrogativas do PB.

No terceiro capítulo propomos uma análise dos fatos mais relevantes do PB a partir das resenhas do capítulo anterior e de outros textos. Abordamos a questão das

ordens Sujeito-Verbo (SV) e Verbo-Sujeito (VS), a questão de WH *in situ*, a inserção da seqüência expletiva *é que* nas interrogativas WH e, por fim, as respostas verbais e adverbiais que as interrogativas Y/N do PB podem receber.

Finalmente, no quarto capítulo, são apresentadas as conclusões obtidas a partir da análise feita no capítulo anterior.

CAPÍTULO 1

DESCRIÇÃO DAS INTERROGATIVAS

1. Introdução

O objetivo deste capítulo é descrever o comportamento sintático das sentenças interrogativas do PB. O primeiro passo para fazer a descrição das sentenças interrogativas é delimitar nosso objeto de estudo. Em outras palavras, é preciso determinar o que são sentenças interrogativas.

Em uma primeira aproximação, é possível dizer que uma interrogativa é uma sentença que, ao ser formulada, requer uma outra sentença como resposta. Podemos então dizer que, no mais simples dos casos, a pergunta é um pedido para o ouvinte fixar o valor de uma variável x^1 . Então, uma resposta cooperativa é uma sentença cuja função é indicar o valor para uma variável.

Existem basicamente dois tipos de perguntas no PB, como de resto nas línguas naturais. O primeiro é o das sentenças chamadas interrogativas *yes/no* (Y/N) ou *polares*, assim denominadas por poderem receber, em geral, *sim* ou *não* como resposta, isto é, por fixarem um destes dois valores para a variável. Este tipo de sentença será descrito na seção 2 deste capítulo.

O segundo tipo é o das sentenças que se caracterizam por conterem expressões interrogativas, chamadas expressões WH em teoria gerativa. As perguntas deste segundo tipo, chamadas interrogativas WH ou *não-polares*, podem receber como resposta um sintagma compatível com a expressão interrogativa: este sintagma corresponde ao valor fixado para a variável. Este tipo de interrogativa será descrito na seção 3.

Para descrever as interrogativas no PB vamos recorrer a uma comparação com línguas que se comportam de modo diferente, com o intuito de realçar as propriedades desta língua. O objetivo deste procedimento é elaborar generalizações sobre este tipo de sentença, generalizações estas que possam se sustentar apesar das diferenças existentes na

¹ Uma forma de tornar mais exata a definição de interrogativa é formular logicamente essa característica, que tais sentenças possuem, de remeter a uma outra sentença.

sintaxe visível destas línguas. Por isso, apresentaremos brevemente as interrogativas do alemão e do inglês antes de descrevermos as do PB.

2. Interrogativas Y/N

Descritivamente, as interrogativas Y/N se caracterizam por buscar *sim* ou *não* como resposta. Entretanto, o PB admite o verbo flexionado como resposta afirmativa para este tipo de perguntas. Esta não é a forma natural de responder em outras línguas como o alemão e o inglês². Por causa disso, descreveremos as interrogativas Y/N do PB enfocando o tipo de resposta que recebem. Além disso, o PB mantém a ordem canônica das declarativas matrizes em suas interrogativas Y/N, ao contrário do alemão e do inglês que forçam a ordem VS nas interrogativas.

2.1. Alemão e Inglês

As interrogativas Y/N do alemão e do inglês se caracterizam por trazerem o verbo finito na primeira posição. No alemão isto chama a atenção especialmente porque nas sentenças declarativas matrizes observa-se a ordem fixa V2, ou seja, qualquer constituinte XP e em seguida o verbo finito. Apesar de este fenômeno ser menos saliente no inglês, que não é uma língua V2, esta língua se sobressai por inserir *do* nas sentenças interrogativas (e negativas).

2.1.1. Alemão

O alemão se caracteriza por pertencer ao grupo de línguas que apresentam obrigatoriamente, nas sentenças declarativas matrizes, o verbo flexionado na segunda posição. Este fenômeno pode ser observado nas sentenças de (1):

- (1) a. Fritz *wohnt* in Berlin
 /Fritz mora em Berlim/
 'Fritz mora em Berlim.'

² As interrogativas Y/N do alemão e do inglês podem, porém, ser respondidas com o sujeito mais o verbo auxiliar flexionado.

- b. In Berlin *wohnt* Fritz.
- c. **Wohnt* Fritz in Berlin.
- d. *Fritz in Berlin *wohnt*.

Observe que, das sentenças acima, somente (1a) e (1b) são gramaticais, já que trazem o verbo *wohnen* (morar) em segunda posição; (1c) e (1d) não são possíveis, pois na primeira o verbo encabeça a sentença, e na segunda ele ocupa a última posição.

Entretanto, as interrogativas Y/N matrizes apresentam invariavelmente o verbo em primeira posição, como podemos observar em (1'):

- (1')a. *Wohnt* Fritz in Berlin?
/mora Fritz em Berlim/
'Fritz mora em Berlim?'
- b. *Fritz *wohnt in Berlin*?
- c. *Fritz in Berlin *wohnt*?

Deste conjunto de sentenças, agora, a única bem formada é (1'a) onde ocorre V1. Se tivermos V2, como em (1'b), a sentença é agramatical. O verbo finito também não pode ocupar qualquer outra posição na sentença sem torná-la inaceitável, como em (1'c), onde o verbo *wohnt* aparece no final da sentença. Assim, o fato interessante a observar para nossa discussão é que, apesar de o alemão ser uma língua invariavelmente do tipo V2 nas sentenças declarativas, nas interrogativas Y/N o verbo finito aparece invariavelmente em primeiro lugar.

Entretanto, do mesmo modo que na declarativa encaixada (2a), nas interrogativas Y/N encaixadas do alemão o verbo deve estar no final da sentença, como *wohnt*, em (2a') abaixo. Se ele aparecer antes do sujeito, (2b), ou depois deste, (2c), a sentença torna-se agramatical:

- (2) a. Ich sage daß Hans in Berlin *wohnt*.
/eu digo que Hans em Berlin mora/
'Eu digo que Hans mora em Berlim'

- a'. Ich antwort, *ob* Hans in Berlin *wohnt*.
 /eu pergunto se Hans em Berlin mora/
 'Eu pergunto se Hans mora em Berlim'
- b. *Ich antwort, *ob wohnt* Hans in Berlin.
- c. *Ich antwort, *ob* Hans *wohnt* in Berlin.

A partir do que foi exposto até aqui, verificamos que a língua alemã apresenta uma diferença quanto à posição do verbo finito, no que concerne ao tipo de sentença na qual ele aparece. Assim, nas sentenças declarativas matrizes, o verbo ocupa a segunda posição; nas interrogativas matrizes, o verbo ocupa a primeira posição. Entretanto, nas declarativas e interrogativas encaixadas, o verbo ocupa a posição final.

2.1.2. Inglês

De modo semelhante ao alemão, o inglês também apresenta o fenômeno VI em interrogativas Y/N, como vemos em (3):

- (3) a. *Are you hungry now?*
 /está você com fome agora/
 'Você está com fome agora?'
- b. **You are hungry now?*

Entretanto, não é qualquer verbo que pode aparecer na primeira posição da sentença. Observe que as sentenças de (4) são agramaticais com ou sem o verbo finito em primeira posição:

- (4) a. **Like you Italian food?*
 /gosta você italiana comida/
 'Você gosta de comida italiana?'
- b. **You like Italian Food?*³

³ Este tipo de sentença pode ser considerado gramatical em situações muito restritas, como por exemplo em contextos-eco.

A sentença (4a) é agramatical apesar de o verbo *like* aparecer na primeira posição. Por outro lado, (4b) também não é boa porque o verbo aparece depois do sujeito.

No inglês, só alguns verbos podem aparecer no início da sentença: *be*, como vimos em (3a) acima, o auxiliar *have* e os modais. Observe a gramaticalidade dos exemplos em (5), com a ordem VI:

- (5) a. *Have you been to Italy?*
/tem você ido a Itália/
'Você tem ido à Itália?'
- a'. **You have been to Italy?*
- b. *Can you help me tomorrow?*
/pode você ajudar me amanhã/
'Você pode me ajudar amanhã?'
- b'. **You can help me tomorrow?*
- c. *May I speak now?*
/posso eu falar agora/
'Eu posso falar agora?'
- c'. **I may speak now?*

Quando temos interrogativas Y/N com verbos que não podem ir para o início da sentença, como em (4) acima, ocorre a inserção de *do*, mantendo, assim, o fenômeno VI, que deve ser encarado como Flexão-em-primeiro-lugar-da-frase, já que *do* (*do-suporte*) porta os traços modo-temporais e número-pessoais. No exemplo abaixo, observe que as sentenças de (4) se tornam gramaticais quando *do* aparece em primeira posição:

- (4') *Do you like Italian food?*
/(do) você gosta italiana comida/
'Você gosta de comida italiana?'

Os verbos do inglês que selecionam uma interrogativa Y/N encaixada apresentam a ordem SV na sentença encaixada. Além disso, em um número de contextos é possível

usar tanto *if* quanto *whether* para introduzir a sentença encaixada. Entretanto, o uso de *whether* é mais restrito que o uso de *if*:

(6)a. I don't know *if* you will win.

/eu (do) não sei se você [futuro] vencer/

'Eu não sei se você vai vencer'.

b. I don't know *whether* (or not) you will win.

/eu (do) não sei se (ou não) você [futuro] vencer/

'Eu não sei se você vai vencer (ou não)'

O inglês apresenta, pois, a ordem VS para as interrogativas Y/N matrizes e a ordem SV para as interrogativas Y/N encaixadas.

2.2. Português Brasileiro

Nas duas sub-seções anteriores apresentamos brevemente as interrogativas Y/N no alemão, que é uma língua V2 nas declarativas, e no inglês. Nessas duas línguas verifica-se um comportamento semelhante no que diz respeito à ordem: as interrogativas Y/N são sentenças V1. Além disso, no inglês verifica-se a inserção de *do* quando verbos lexicais estão implicados na construção.

Diferentemente do inglês e do alemão, as interrogativas Y/N do PB não apresentam os itens em ordem diferente se comparadas com as declarativas. Ao contrário, como mostra (7a), elas podem apresentar a mesma ordem das sentenças declarativas. Assim, no PB o fenômeno V1 não se verifica, como vemos a partir da agramaticalidade de (7b) :

(7)a. O João tem encontrado a Maria?

b. *Tem o João encontrado a Maria?

A rigor, o que diferencia uma sentença declarativa de uma sentença interrogativa Y/N em PB é a entonação que cada uma delas tem: prototipicamente, a interrogativa tem entonação ascendente no final. Se fôssemos estudar, então, este tipo de sentença, não teríamos muito que dizer, dado que não sabemos muito sobre as relações de processos

fônológicos e processos sintáticos. Por isso, decidimos enfatizar a questão das interrogativas Y/N nas respostas que recebem, já que, ao observá-las, percebemos que revelam fatos interessantes para o estudo do fenômeno da interrogação nas línguas naturais.

Enquanto o alemão e o inglês costumam receber como resposta os advérbios *sim* e *não* para suas interrogativas Y/N matrizes, em PB a resposta afirmativa dada geralmente constitui-se do verbo finito da sentença. Observe os exemplos abaixo:

(8)a. Você comprou leite?

– Comprei.

b. Você lembrou de comprar leite?

– Lembrei.

Note que para (8a) a resposta obtida é o verbo flexionado (*comprou / comprei*). Já em (8b), onde temos uma seqüência de vários verbos, o verbo usado na resposta à pergunta é o que está flexionado (*lembrou/lembrei*) e não o que permanece no infinitivo (*comprar*).

Nas interrogativas Y/N que comportam um predicado o qual seleciona uma interrogativa encaixada ocorre o mesmo fenômeno descrito acima⁴. No caso de (9a e b) abaixo, a resposta deve ser o verbo da sentença principal (*perguntou*) e não um dos verbos da encaixada (*comprei* ou *lembrei*):

⁴ Um fato curioso encontrado em PB é a relação entre certos verbos e a alternância *que/se*, pois essas conjunções modificam a resposta obtida pela interrogativa. É o caso, por exemplo, do verbo *saber*. Observe:

(i) Você sabe que a Maria vem almoçar aqui hoje?

– Sei.

*–Vem.

–Não, não sei.

*–Não, não vem.

(ii) Você sabe se a Maria vem almoçar aqui hoje?

– Sei.

–Vem.

–Não, eu não sei.

–Sei, não vem.

Em (i), na qual o verbo *saber* seleciona uma encaixada introduzida pela conjunção *que*, a resposta boa inclui este verbo. Entretanto, se a sentença selecionada for introduzida por *se*, como em (ii), tanto *saber* (o verbo a oração principal) quanto o verbo *ir*, da encaixada podem ser dados como resposta à interrogativa. Da mesma forma também se comportam outros verbos, tais como *ver*, *reparar*, *olhar*.

(9) a. Eu perguntei se você comprou leite?

– Perguntou.

*– Comprei.

b. Eu perguntei se você lembrou de comprar leite?

– Perguntou.

*– Lembrei.

*– Comprei.

Por outro lado, quando introduzimos nas interrogativas Y/N matrizes advérbios do tipo *já*, *nunca*, *sempre*, *etc.*, ocorrem fenômenos interessantes em PB, pois as respostas incluem esses advérbios, não obstante eles sejam utilizados sozinhos. Observe no exemplo de (10) que, quando os advérbios *já* e *nunca* precedem o verbo *foi*, eles podem ser dados como resposta, seguidos ou não do verbo flexionado:

(10)a. Você já foi ao zoológico?⁵

– Já / Não/ Nunca [fui]

b. Você nunca foi ao zoológico?

– Já / Nunca [fui]

As interrogativas Y/N que selecionam uma interrogativa encaixada com inclusão desses advérbios comportam-se de modo semelhante. Observe os exemplos que seguem:

(11) a. Eu já/nunca perguntei se você foi ao zoológico?

– Já/Nunca [perguntou].

*– Fui.

b. Eu perguntei se você já/nunca foi ao zoológico?

– Perguntou.

* – Já/Nunca [fui].

No exemplo (11a) os advérbios *já* e *nunca* podem fazer parte da resposta, porque precedem o verbo *perguntei*. Em contrapartida, em (11b) eles não entram na resposta porque fazem parte da sentença encaixada, precedendo o verbo *foi*. Assim, o verbo *perguntar* é que deve ser a resposta à interrogativa neste caso.

⁵ No exemplo de (10a), que inclui o advérbio *já*, é possível responder negativamente à pergunta com o advérbio *nunca*. O mesmo ocorre em (10b).

De modo semelhante, se a interrogativa incluir dois advérbios, fará parte da resposta o advérbio que aparecer antes do verbo da sentença principal. Em (12a) abaixo, o advérbio *já* é usado na resposta porque aparece antes do verbo *perguntei*. O mesmo acontece com *nunca* em (12b). Além disso, esses advérbios não podem vir seguidos pelo verbo da sentença encaixada (*foi*):

(12) a. Eu já perguntei se você nunca foi ao zoológico?

– Já [perguntou] / Nunca [perguntou].

*– Já [fui] / Nunca [fui]

b. Eu nunca perguntei se você já foi ao zoológico?

– Nunca [perguntou] / Já [perguntou].

*– Nunca [fui] / Já [fui].

É preciso ressaltar que nem sempre é possível responder interrogativas Y/N com o advérbio. Observe nos exemplos abaixo o uso de advérbios de tempo como *cedo* e *ontem* e repare que não é possível usá-los isoladamente na resposta:

(13) a. A Maria chegou cedo?

*–Cedo.

–Chegou (cedo).

b. A Maria chegou ontem?

*– Ontem.

– Chegou (ontem).

Note que este tipo de advérbio aparece depois do verbo flexionado nas interrogativas. Mesmo que prepostos ao verbo finito em alguma sentença, como em (14) abaixo, eles não podem servir como resposta:

(14) Ontem a Maria ligou?

*– Ontem.

– Ligou.

Em PB é possível também construir interrogativas Y/N com clivagem⁶ do constituinte interrogado. Observe como ficam as sentenças e o tipo de resposta que recebem:

- (15) a. Foi a Maria que comeu biscoito ontem na escola?
– Foi (a Maria).
b. Foi biscoito que a Maria comeu ontem na escola?
– Foi (biscoito).
c. Foi ontem que a Maria comeu biscoito na escola?
– Foi (ontem).
d. Foi na escola que a Maria comeu biscoito ontem?
– Foi (na escola).

A resposta dada para as sentenças de (15) acima é sempre constituída por *foi*, o qual pode ou não ser seguido pelo elemento que está entre *foi...que*, isto é, *a Maria*, *o biscoito*, *ontem* e *na escola*. Por outro lado, se inserirmos um advérbio como *só* na clivagem, ele pode ser dado como resposta à interrogativa, como em (16a). Porém, se a resposta for dada com o verbo *foi*, os elementos clivados (advérbio e substantivo) devem aparecer juntos na resposta, como em (16b). Responder com cada um deles separado não é possível, como mostram (16 c) e (16d):

- (16) a. Foi só a Maria que comeu biscoito ontem na escola?
– Só.
b. Foi só a Maria que comeu biscoito ontem na escola?
– Foi só a Maria.
c. Foi só a Maria que comeu biscoito ontem na escola?
*– Foi só.
d. Foi só a Maria que comeu biscoito ontem na escola?
*– Foi a Maria.

Quando a interrogativa Y/N apresenta um quantificador, como em (17) abaixo, temos o seguinte paradigma:

⁶ Segundo Lopes-Rossi (1996), clivagem é um recurso sintático para mover um constituinte da sentença com foco marcado.

(17) a. Alguns jogadores se machucaram?

- Alguns
- (Se) machucaram.

b. O Júnior Baiano chutou alguns jogadores?

- Chutou
- *- Alguns

Repare que o quantificador nas sentenças acima se comporta da mesma forma que advérbios como *já*. Se ele estiver antes da flexão, sobre o sujeito, pode servir como resposta, como em (17a). Neste caso, o verbo finito também serve como resposta. Mas se estiver depois da flexão, sobre o objeto, ele não poderá ser dado como resposta, como em (17b).

Existem interrogativas com quantificadores que, apesar de aparentemente serem Y/N, se comportam como interrogativas WH se levarmos em conta a resposta que recebem. Este é o caso da sentença (18) abaixo:

(18) Alguém viu a Maria?

- *- Alguém
- ??- viu
- O Paulo.

Repare em (18) acima que as respostas com o quantificador ou com o verbo finito não são boas. Mas a resposta é boa quando inclui uma expressão referencial.

3. Interrogativas WH

Interrogativas WH ou não-polares são sentenças que apresentam expressões ou sintagmas interrogativos como *que, o que, qual, quem, quando, como, onde, por que*, ou ainda sintagmas do tipo [WH + N]. Esta segunda forma de se fazer perguntas nas línguas traz fenômenos interessantes para estudo. O primeiro deles é que nessas sentenças há a substituição de um ou mais sintagmas (argumentos ou adjuntos) da correspondente sentença declarativa por estas palavras 'especiais'.

Essas palavras, que qualificam uma interrogativa WH como tal, são chamadas de sintagmas ou expressões WH por serem marcadas com um traço [+WH]. No entanto, a

definição de traço [+WH] não é isenta de problemas, principalmente quando se leva em consideração alguns fenômenos do PB, com os quais nos ocuparemos mais adiante.

Na maioria das línguas, como o alemão e o inglês, o sintagma WH caracteriza-se por aparecer em primeira posição na sentença, seguido do verbo finito, desencadeando, assim, a ordem Verbo-Sujeito (VS). No PB, entretanto, essas características não estão presentes.

Em PB, como de resto em outras línguas naturais, há maior flexibilidade quanto à posição do sintagma WH. Para alguns falantes, ele pode tanto ser movido para o início da sentença, como pode permanecer *in situ*, algo proibido em algumas línguas, como o inglês. A ordem VS encontra muitas restrições em PB, tornando-se praticamente excluída em interrogativas WH. Como veremos, esta língua apresenta diferenças marcantes com relação a outras línguas, o que torna seu estudo premente para qualquer teoria lingüística preocupada com os universais lingüísticos, como é o caso da Teoria Gerativa.

Nesta seção pretende-se descrever o comportamento das interrogativas WH no PB. Para esta descrição, utilizaremos alguns dados provenientes das interrogativas WH do alemão e do inglês, com o intuito de traçar um paralelo, mais adiante, entre essas duas línguas e o PB à luz da teoria gerativa. Os dados do PB aqui apresentados foram colhidos de entrevistas do projeto VARSUL / UFSC (Variação Lingüística da Região Sul), ou de situações do cotidiano. Uma outra fonte de dados, utilizada quando necessário, foi a intuição da autora, que é falante nativa de PB.

3.1. Alemão e Inglês

As interrogativas WH do inglês e do alemão trazem o verbo finito na segunda posição. A língua alemã, portanto, mantém a ordem fixa V2 de suas declarativas matrizes em suas interrogativas WH matrizes. Por outro lado, as interrogativas WH encaixadas do alemão se comportam como as declarativas encaixadas desta língua, nas quais o verbo finito ocupa posição final na sentença. Em inglês, o verbo também ocupa a segunda posição em sentenças WH matrizes. Porém, o que há de interessante nas sentenças desta língua é a inserção de *do* nas sentenças interrogativas WH principais, quando a construção não comporta auxiliares ou modais. Nas encaixadas WH, a inserção de *do* é excluída.

3.1.1. Alemão

O alemão apresenta o verbo em segunda posição na maior parte de suas sentenças, incluindo as interrogativas WH. Observe:

- (19) a. *Hans studiert was?
'Hans estuda o quê?'
b. *Was Hans studiert?
'O que Hans estuda?'
c. Was studiert Hans?
'O que estuda Hans?'

Repare que a sentença gramatical é (19)c, na qual o elemento WH *was* está no início da interrogativa e o verbo *studiert* ocupa a segunda posição. (19)a não é boa porque, apesar de o verbo finito estar na segunda posição, o elemento WH não está encabeçando a sentença. (19)b também não é gramatical porque não é V2. Repare também, no exemplo abaixo, que quando temos o verbo auxiliar *hast* e o verbo principal *studiert*, o primeiro ocupa a segunda posição na sentença e, o último, a posição final:

- (20) Was *hast* du studiert?
/o que tem você estudado/
'O que você estudou?'

Por outro lado, as interrogativas WH encaixadas do alemão trazem o verbo finito sempre na última posição da sentença, como *studiert*, em (21a) abaixo. Aparecendo em qualquer outra posição, a interrogativa torna-se agramatical, como em (21b) e (21c). Além disso, o elemento WH não pode permanecer *in situ*. Isto ocorrendo, como em (21d), a interrogativa torna-se agramatical :

- (21) a. Weißt du, was Hans studiert?
/sabes tu o que Hans estuda/
'Tu sabes o que Hans estuda?'
b. *Weißt du, was studiert Hans?

c. *Weißt du, studiert was Hans?

d. *Weißt du, Hans studiert was?

Novamente, se tivermos verbos auxiliar e principal em interrogativas encaixadas, como na sentença abaixo, o auxiliar *hat* passará a ocupar a última posição da sentença, depois do verbo principal *studiert*:

(22) Weißt du, was Hans studiert hat?
/sabes tu o que Hans estudado tem/
'Tu sabes o que Hans estudou?'

3.1.2. Inglês

Assim como o alemão, o inglês apresenta o verbo finito na segunda posição em interrogativas WH matrizes. Todavia, do mesmo modo que nas interrogativas Y/N, somente os verbos modais e os auxiliares podem aparecer depois do elemento WH, ou, ainda, antes do sujeito, desencadeando a inversão VS, como em (23a) e (b). (23a') e (b') são agramaticais porque o verbo finito não-lexical está depois do sujeito:

(23) a. Why are you tired ?
/por que está você cansado/
'Por que você está cansado?'

a'. *Why you are tired ?

b. What can I do for you?
/o que posso eu fazer por você/
'O que eu posso fazer por você?'

b'. *What I can do for you?

Assim como nas interrogativas Y/N matrizes, quando as interrogativas WH não são formadas nem com verbos modais, nem com auxiliares, mas sim com verbos lexicais que não podem alcançar a flexão e portanto não poderão ocupar uma posição mais alta que a do sujeito, como (24b), insere-se *do*. Observe a gramaticalidade de (24a) abaixo, onde

houve inserção de *do*. Veja também, em (24b) e (24c), que sem a inserção de *do* a interrogativa torna-se ruim:

- (24) a. What *do* you think about your teacher?
/o que (do) você pensa sobre seu professor/
'O que você pensa sobre seu professor?'
- b. *What think you about your teacher?
- c. *What [ø] you think about your teacher?

Já nas interrogativas WH encaixadas do inglês, o verbo finito *thinks* da oração encaixada só aparece depois do sujeito *Mary*, como em (25a). Se ele estiver antes do sujeito, a interrogativa torna-se agramatical, como em (25b). Por outro lado, não é possível inserir *do* na oração encaixada, como mostra (25c):

- (25)a. Do you know what *Mary thinks* about her teacher?
/(do) você sabe o que *Mary* pensa sobre seu professor/
'Você sabe o que *Mary* pensa sobre seu professor?'
- b. *Do you know what *thinks* *Mary* about her teacher?
- c. *Do you know what *does* *Mary think* about her teacher?

Em resumo, enquanto nas interrogativas WH encaixadas do inglês o verbo da oração encaixada aparece depois do sujeito, como em (25a), nas encaixadas do alemão o verbo ocupa a posição final da sentença, como em (21a) e, principalmente, em (22) na qual o verbo auxiliar aparece no final da sentença, o que confirma a tese de que o alemão é uma língua SOV, enquanto o inglês é uma língua SVO.

3.2. Português Brasileiro

O PB apresenta estratégias diferentes das demais línguas no que concerne às interrogativas WH matrizes. Enquanto o alemão e o inglês apresentam inversão VS nestas

construções, o PB mantém a ordem SV como regra geral. Isto pode ser atestado nas sentenças de (26):

- (26) a. O que o João tinha visto?
b. *O que tinha o João visto?
c. *O que tinha visto o João?

Das sentenças acima, a única gramatical é (26a), na qual o verbo finito *tinha* está depois do sujeito *João*. (26b) e (26c) não são gramaticais porque houve inversão VS, em (6b) a inversão do tipo germânico e em (6c) a inversão do tipo românico. Este fenômeno é intrigante em PB, porque até mesmo o português europeu (PE) adota a estratégia de inversão VS para as interrogativas WH matrizes⁷.

Nas interrogativas WH encaixadas do PB, como nas outras línguas examinadas, também só é possível a ordem SV. Compare a encaixada boa (27a), que tem a ordem SV, com a agramatical (27b), que tem a ordem VS:

- (27) a. Você sabe o que o João tinha visto?
b. * Você sabe o que tinha o João visto?

Existem, porém, algumas interrogativas no PB em que ocorre a ordem VS, apesar de esta não ser a ordem de palavras mais comum nesta língua:

- (28) a. Onde foram eles?
b. Como era o nome dele? (VAR SUL - RS POA 08 F A PRI - linha 304)
c. E a língua, como foi a comunicação com eles? (VAR SUL - RS POA 04 M A GIN - linha 720)

⁷ Nas interrogativas matrizes do PE, como (i), deve haver obrigatoriamente a inversão VS. Se a inversão não for efetuada, como em (ii), a interrogativa torna-se agramatical:

(i) Que comprou a Maria?
(ii)*Que a Maria comprou?

Agora compare as sentenças de (28) com as de (29), que apresentam a ordem VS:

- (29) a. Onde eles foram?
- b. ???Como o nome dele era?
- c. * Como a comunicação com eles foi?

Repare que o caso de (28a) parece não ser o mesmo de (28b) e (28c), uma vez que a primeira interrogativa é gramatical, com a ordem SV ou VS. Em contraste a isso, (28b) e (28c) se tornam agramaticais quando o verbo finito não precede o sujeito, como em (29b) e (29c) acima.

Além disso, observe-se que sentenças como (28a) e (29b) admitem ainda um sintagma nominal pleno como sujeito, como em (30a) ou (30b), caso em que é possível o sujeito ser dobrado por um pronome, (30c). Note, ainda, que se o sujeito é reduplicado, sua primeira ocorrência deve ser através de um pronome e a segunda através de uma expressão referencial. Caso contrário, como (30c'), a sentença torna-se agramatical:

- (30) a. Onde a Maria foi?
- b. Onde foi a Maria?
- c. Onde ela foi, a Maria?
- c'. *Onde a Maria foi, ela?

De modo diferente do alemão e do inglês, em PB as interrogativas WH matrizes podem manter o elemento WH *in situ*. Compare a agramaticalidade das interrogativas de (31a) e (31b) do alemão e do inglês, respectivamente, que trazem WH *in situ*, com as sentenças do PB em (32), perfeitamente gramaticais para alguns falantes mesmo com WH *in situ*:

- (31) a. *Hans studiert was?
 'Hans estuda o quê?'
- b. *John studies what?
 'John estuda o quê?'

- (32) a. Eles brincam onde, aqui na Protásio mesmo?(VAR SUL - RS POA 08 F A PRI - linha 729)
- b. E você começou nessa vida comercial como? (VAR SUL - RS POA 04 M A GIN - linha 640)
- c. A Maria comprou o quê?
- d. A Maria saiu quando?

No caso das encaixadas, no entanto, não é possível WH *in situ* em PB, assim como em outras línguas naturais. Repare que a sentença de (32a) e (32b) acima, quando transformadas em interrogativas encaixadas, (33a-b) respectivamente, só são gramaticais se o elemento WH encabeça a oração encaixada. Se eles aparecem *in situ*, como em (33a' e b'), as interrogativas tornam-se agramaticais:

- (33)a. A Maria sabe *onde* as crianças brincam.
- a'. * A Maria sabe as crianças brincam *onde*.
- b. Você sabe *como* começou nessa vida comercial.
- b'. *Você sabe começou nessa vida comercial *como*.

Um fenômeno encontrado em PB e pouco comum nas demais línguas são interrogativas WH que apresentam um complementizador homófono ao elemento WH *que*, o qual pode co-ocorrer com este último:

- (34) a. O *que que* é isso? (VAR SUL - SC FLP 03 F A PRI - linha 1035)
- b. *Quem que* está certo nessa questão entre índios versus garimpeiros? (VAR SUL - RS POA 04 M A GIN - linha 452)
- c. *Por que que* ele não amou tanto quanto ela, né? (VAR SUL - SC FLP 11 F A GIN - linha 685)
- d. *Como que* liga o computador?

Este tipo de fenômeno ocorre de igual forma tanto nas interrogativas matrizes acima quanto nas encaixadas, como se observa nas sentenças abaixo:

- (35)a. Você pode me explicar o *que que* é isso?
- b. Você sabe *quem que* está certo nessa questão entre índios versus garimpeiros?
 - c. Você sabe *por que que* ele não amou como ela?
 - d. Você sabe *como que* liga o computador?

Além da forma *WH que*, as interrogativas WH tanto matrizes como encaixadas do PB admitem também formas clivadas, nas quais aparecem o elemento WH, a cópula e o complementizador *que* em várias combinações como as que seguem:

A) *WH ser que*:

Matrizes:

- (36) a. *Como é que* anda o comércio com a inflação do jeito que está? (VAR-SUL - RS POA 04 M A GIN - linha 55)
- b. *Onde é que* tu aprendeste a fazer pão? (VAR-SUL - RS POA 08 F A PRI - linha 652)
 - c. *Quando é que* tu fazes aniversário?
 - d. *Que foi que* você disse?

Encaixadas:

- (37) a. O João sabe *como é que* anda o comércio com a inflação do jeito que está.
- b. A Maria sabe *onde é que* tu aprendeste a fazer pão.
 - c. Você sabe *quando é que* a Maria faz aniversário.
 - d. A Maria sabe ??*que/o que foi que* você disse.⁸

⁸ Existe uma diferença em PB entre os elementos WH *que* e *o que*, que será tratada mais adiante

B) *WH que ser que:*

Matrizes:

- (38) a. *O que que é que você perguntou?*
b. *Como que é que liga o computador?*
c. *Quando que foi que tu falaste com a Maria?*
d. *Por que que foi que você não veio?*

Encaixadas:

- (39) a. *A Maria não sabe o que que é que você perguntou.*
b. *Você perguntou como que é que liga o computador.*
c. *O João quer saber quando que foi que tu falaste com a Maria.*
d. *A Maria perguntou por que que foi que você não veio.*

C) *WH ser que ser que*

Matrizes:

- (40) a. *O que é que foi que você fez?*
b. *E como é que é que se faz [bolo]? (VARSEL - RS POA 08 F A PRI - linha 639)*
c. *Por que é que é que você sempre faz essa pergunta?*
d. *Quando é que era que eu devia voltar?*

Encaixadas:

- (41) a. *A Maria perguntou o que é que foi que você fez.*
b. *Você sabe como é que é que se faz bolo.*

- c. O João sabe *por que é que é que* você sempre faz essa pergunta.
- d. Tu sabes *quando é que era que* eu devia voltar.

Os elementos WH *que* e *qual* podem vir seguidos de um N foneticamente realizado. Este sintagma WH (Que + N) pode permanecer *in situ* como em (42a), ou encabeçar a interrogativa, como em (42b). Entretanto, não é possível separar o elemento WH do N ao qual está ligado, sob pena de prejudicar a gramaticalidade da sentença, como em (42c):

- (42) a. A Maria comprou *que livro*?
- b. *Que livro* a Maria comprou?
- c. **Que* a Maria comprou *livro*?

No caso das encaixadas, como já vimos, a interrogativa só é boa se o sintagma estiver encabeçando a oração encaixada. Veja (43b) abaixo. Se o sintagma estiver *in situ* (42a) ou separado (43c) a sentença torna-se agramatical:

- (43) a. *Você sabe a Maria comprou *que livro*.
- b. Você sabe *que livro* a Maria comprou.
- c. *Você sabe *que* a Maria comprou *livro*.

Alguns elementos WH podem ser precedidos por preposições, conforme os exemplos de (44) abaixo. Porém nem mesmo é possível imaginar sentenças com *por que* e *como* precedidos por preposição que não sejam obviamente agramaticais:

- (44) a. Pra que *que serve* esse instrumento?
- b. De quem tu gostava lá? (VARSUL - RS POA 08 F A PRI - linha 259)
- c. Com qual dos dois você vai namorar?
- d. De quando é esse pão?
- e. Pra onde *vai* esse ônibus?

Repare que nas sentenças de (44a-d-e) o verbo finito precede o sujeito. Em (44a) e (44e), temos a ordem VS, porém essas sentenças também são gramaticais com a ordem SV, com o elemento WH no início da sentença (45 a - b), ou *in situ*, como (45c):

- (45) a. Pra que que esse instrumento *serve*?
b. Pra onde esse ônibus *vai*?
c. Esse ônibus *vai* pra onde?⁹

Já a sentença (44d) torna-se marginal com a ordem SV. Veja (46a) abaixo. Só é possível a ordem SV se o sintagma [PP + WH] estiver *in situ*, como em (46b):

- (46) a. *De quando esse pão *é*?
b. Esse pão *é* de *quando*?

Um outro fenômeno interessante do PB é a possibilidade de omitir a preposição em algumas interrogativas que apresentam o sintagma [PP + WH]. Repare que as sentenças (47) abaixo são gramaticais mesmo quando a preposição não aparece:

- (47) a. Qual dos dois você *vai* namorar?
b. Onde *vai* esse ônibus?

Contudo, nem sempre é possível omitir a preposição do sintagma [PP + WH]. Observe que (48a-b) são agramaticais sem preposição ou pelo menos marginais para alguns falantes, como (48c-d) abaixo:

⁹ Note que em PB não é possível separar o elemento WH da preposição, com o alçamento de só um deles:

- (i)* Onde esse ônibus *vai* pra?
(ii)* Pra esse ônibus *vai* onde?

O mesmo ocorre com interrogativas encaixadas; o sintagma [PP + WH] deve ser alçado como um todo para o início da sentença encaixada:

- (i) *Você se pergunta onde esse ônibus *vai* pra.
(ii) * Você se pergunta pra esse ônibus *vai* onde.

- (48) a. *Que que serve esse instrumento?
b. *Quando é esse pão?
c. ?Quem tu gostava lá?
d. ?Quem que 'cê gosta?

Por outro lado, quando o sintagma WH está *in situ*, a preposição tem estar presente, como mostra o contraste em (49a-b). Observe, porém, que em (49c-d) a presença ou ausência da preposição não altera a gramaticalidade das sentenças:

- (49) a. Tu gostava *de quem* lá?
b. ?*Tu gostava *quem* lá?
c. Você vai namorar *com qual dos dois*
d. Você vai namorar *qual dos dois*?

Uma possível resposta para o fato de a ausência da preposição não alterar a gramaticalidade de (49d) é que *namorar* se caracteriza como um verbo que tem dupla possibilidade de subcategorização. Podemos falar *Maria namora João* ou *Maria namora com João*. Este não é o caso de verbos como *viver*, que só aceitam argumento interno precedido por preposição (*Maria vive com João* em contraste a **Maria vive João*). Observe os exemplos abaixo:

- (50)a. Com qual dos dois você vai viver?
b. ?Qual dos dois você vai viver?
c. Você vai viver com qual dos dois?
d. *Você vai viver qual dos dois?

Repare que se pode construir uma interrogativa com o verbo *viver* sem a preposição, como (50b), embora não seja tão boa quanto (50a), na qual a preposição aparece. Por outro lado, quando o sintagma WH está *in situ*, a preposição deve estar

presente como em (50c). Caso contrário, como em (50d), a interrogativa torna-se agramatical.

Em PB também é possível construir interrogativas WH com mais de um elemento WH, veja (51a) abaixo. Contudo, existe um limite para o número de elementos que se pode introduzir na sentença, uma vez que um número muito alto de sintagmas interrogativos em uma mesma pergunta poderia prejudicar a aceitabilidade da sentença. Note como (51b) traz problemas de aceitabilidade:

- (51) a. *Quem* o João viu *onde*?
b. **Quem* João viu *onde* *quando*?

Além disso, há também hierarquia entre tais elementos, obrigando alguns a antecederem outros. Observe nas sentenças abaixo que a interrogativa boa é (52a), na qual *quem* antecede *onde*. (52b), que apresenta a ordem linear contrária é excluída. Repare também que os elementos WH não podem permanecer ambos *in situ*, como em (52c):

- (52) a. Quem o João viu onde?
b. *Onde o João viu quem?
c. *O João viu quem onde?

No entanto, não existe hierarquia quando os elementos WH estão acompanhados de um N foneticamente realizado, como em (53a-b) abaixo. Ocorre o mesmo quando nenhum dos sintagmas WH é movido para o início da sentença. Observe que (53c) é gramatical:

- (53) a. Que criança você forçou a ler que livro?
b. Que livro você forçou que criança a ler?
c. Você forçou que criança a ler que livro?

Interrogativas encaixadas também podem ser construídas com mais de um elemento WH. Entretanto, sentenças deste tipo trazem certos problemas de aceitabilidade. Observe

nas sentenças abaixo que, quando os sintagmas WH não têm a forma WH N, a interpretação preferencial é a de pergunta eco:

- (54) a. Quem a Maria perguntou o quê leu?
b. A Maria perguntou quem leu o quê?

Repare que as sentenças abaixo (55), nas quais há um sintagma da forma [WH + N], são melhores que as sentenças de (54) acima. Além disso, qualquer um dos sintagmas WH pode ser movido para o início da sentença, com resultado gramatical. Só o que muda é o enfoque da interrogação:

- (55) a. *Que criança* Maria perguntou **que livro** leu?
b. **Que livro** Maria perguntou *que criança* leu?

Se nenhum dos sintagmas for movido para o início da sentença principal, então há hierarquia, como em (56) abaixo:

- (56) a. A Maria perguntou *que criança* leu **que livro** .
b. *A Maria perguntou **que livro** *que criança* leu.

Também é possível construir sentenças interrogativas WH clivadas em PB, nas quais se pode interrogar sobre qualquer argumento ou adjunto da sentença declarativa correspondente (57a):

- (57) a. A Maria comeu biscoito na escola ontem.
b. Foi *quem* que comeu biscoito ontem na escola?
c. Foi *o que* que a Maria comeu ontem na escola?
d. Foi *quando* que a Maria comeu biscoito na escola?
e. Foi *onde* que a Maria comeu biscoito ontem?

4. Resumo do Capítulo

Neste capítulo, vimos que o PB se comporta aparentemente de modo diferente de línguas como o inglês e o alemão em ambos os tipos de interrogativas.

Nas interrogativas Y/N o inglês e o alemão mostram diferentes assimetrias matriz / encaixada. Ambas as línguas apresentam o verbo finito na primeira posição (V1) em interrogativas Y/N matrizes. Na complementação de verbos que selecionam uma sentença interrogativa não-WH encaixada, porém, o verbo finito em alemão ocupa posição final na sentença, enquanto o verbo finito do inglês aparece posposto ao sujeito.

A descrição do PB, no entanto, revela um padrão diferente destas duas línguas em interrogativas Y/N, nas quais o verbo finito sempre aparece preposto ao sujeito, contrariamente ao PB, que prefere o sujeito anteposto ao verbo. O que se destaca neste tipo de interrogativa do PB são as respostas obtidas. Ao invés de se limitarem às respostas *sim/não* de outras línguas como o inglês e o alemão, o PB inclui em suas respostas o verbo finito da sentença ou alguns tipos de advérbios que precedam tal verbo.

Nas interrogativas WH, o alemão e o inglês mantêm o mesmo padrão das interrogativas Y/N, ainda que não apresentem o mesmo fenômeno. As matrizes WH de ambas as línguas trazem o verbo finito na segunda posição (V2 em alemão e V2 Residual em inglês), marcando, assim, a diferença entre WH e Y/N (esta última apresentava o fenômeno V1). Já nas encaixadas WH, ocorre o mesmo que nas interrogativas Y/N com complemento encaixado, enquanto o verbo finito no alemão ocupa posição final na sentença, no inglês ele aparece posposto ao sujeito.

O PB difere novamente destas duas línguas e apresenta um só padrão para as interrogativas WH matrizes e encaixadas, nas quais o verbo finito por via de regra aparece posposto ao sujeito. Quando ele está preposto àquele, como nos exemplos (28), este fenômeno pode ser considerado como resultante de algum processo sintático desencadeado, por exemplo, pelo tipo de verbo da sentença. Isso será tratado no capítulo 3 desta dissertação.

Em síntese, o PB difere de línguas como o inglês e o alemão porque seu padrão para os dois tipos de interrogativas é a ordem SV e não VS, encontrada nas interrogativas Y/N e WH matrizes do inglês e do alemão e nas encaixadas desta última língua.

As interrogativas Y/N com complemento encaixado e as WH encaixadas do inglês é que mostram um padrão semelhante ao do PB. O inglês apresenta a ordem VS na sentença matriz e a ordem SV na encaixada, enquanto o PB apresenta SV em ambas. Além disso, para alguns falantes, o PB possui a estratégia de WH *in situ* para as interrogativas WH matrizes não múltiplas, a qual é pouco comum em outras línguas.

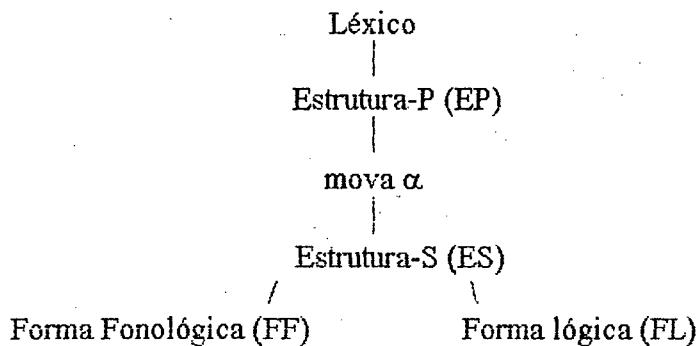
CAPÍTULO 2

QUADRO TEÓRICO

1. Introdução

Neste capítulo são apresentadas resenhas de autores que estudam o comportamento das interrogativas WH em línguas naturais dentro da Teoria Gerativa. Faremos primeiramente um levantamento dos pressupostos teóricos principais do modelo de Princípios e Parâmetros na versão da Teoria da Regência e Vinculação (TRV), dentro da qual a análise será desenvolvida.

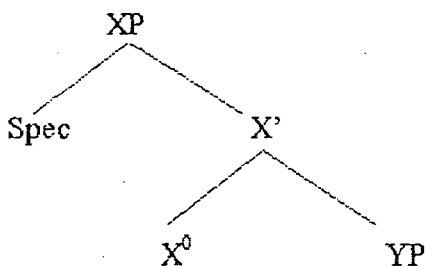
A Gramática Gerativa parte do pressuposto de que todas as línguas naturais são regidas por uma Gramática Universal (GU), composta de um sistema de princípios rígidos. A variação que existe entre diferentes línguas é atribuída a valores binários que alguns desses princípios (chamados parâmetros) podem ter. A Teoria da Regência e Vinculação supõe também níveis diferentes de representação:



A inserção dos itens lexicais na Estrutura-P é feita a partir do léxico. A estrutura dos constituintes representada na EP pode ser modificada através de princípios gerais que operam sobre a regra “mova α ” na passagem da EP para a ES, que reflete as propriedades mais superficiais da sentença.

Este modelo de representação gramatical supõe a existência de módulos, cada um com seus princípios e parâmetros específicos, responsáveis pela boa formação das sentenças.

Um dos módulos da TRV é a teoria X-barra, que garante que cada núcleo lexical (verbo, nome, adjetivo e preposição) e também cada núcleo funcional (flexão, complementizador, determinante) é capaz de projetar uma posição de especificador (Spec) e uma posição destinada aos complementos (YP). De acordo com a teoria X-barra, todos os sintagmas são encabeçados por um núcleo. O núcleo de uma projeção é uma categoria de nível zero (X^0):



O núcleo da projeção X está em relação com duas projeções máximas, seu especificador e seu complemento (YP). A relação entre X e seus complemento e especificador é definida dentro de uma projeção máxima XP. Essas relações são *locais*. Dentro da teoria X-barra, existem relações de c-comando e de Regência, definidos a seguir (Haegeman, 1995):

C-comando:

Y c-comanda Z se e somente se

- (i) Y não domina Z
- (ii) Z não domina Y
- (iii) todo X que domina Y também domina Z.

Regência:

Y rege Z se e somente se

- (i) Y é um regente
- (ii) Y m-comanda Z
- (iii) não existe barreira entre Y e Z

Projeções são barreiras para regência.

Regentes são núcleos.

M-comando:

Y m-comanda Z se e somente se

- (i) nem Y domina Z
- (ii) nem Z domina Y
- (iii) Toda projeção máxima que domina Y domina Z.

A Gramática Gerativa modifica a noção dada pela gramática tradicional de “predicados” do verbo para a noção de argumentos. Um verbo como *amar*, por exemplo, seleciona dois argumentos (quem ama e quem é amado), que ocuparão posições argumentais (A) na EP, e para os quais será atribuído, de acordo com a Teoria Temática, dois papéis temáticos: *agente* e *tema*, respectivamente. Dada a regra mova α , um argumento pode ser movido de sua posição de base para outra posição, que pode ser uma posição não-argumental (A' ou A-barra).

A noção de cadeia é fruto da noção de movimento: se um certo elemento foi gerado em uma posição e é movido para outra, esperamos que as suas relações temáticas iniciais continuem válidas. Por isso, representamos o elo entre esses elementos via coindexação. O lugar de origem do elemento movido receberá um *t* (do inglês *trace*, isto é, vestígio), como em {Who_i, t_i}

Assim, o Critério Temático será definido da seguinte maneira:

- (i) Todo argumento deve aparecer em uma cadeia que comporte um e apenas um papel temático;
- (ii) Todo papel temático deve ser atribuído a uma cadeia contendo um e apenas um argumento.

Outra noção que será utilizada na análise é a de concordância Spec-Núcleo, que será explicada na seção 2.3.2 deste capítulo.

Utilizaremos também as noções de gramaticalidade e aceitabilidade. A sentença de uma determinada língua é gramatical, segundo Haegeman (1995), se ela é formada de

acordo com a gramática desta língua. Aceitabilidade, conforme a autora, é o termo que caracteriza a intuição de um falante nativo a respeito de um dado lingüístico. Entretanto, gramaticalidade e aceitabilidade nem sempre coincidem. Pode-se ter uma sentença perfeita quanto às regras gramaticais, porém inaceitável quanto, por exemplo, aos elos semânticos.

Finalmente, podemos distinguir três tipos de movimento: movimento de núcleo, movimento de NP e movimento WH. Nesta dissertação trataremos principalmente do último tipo de movimento, que diz respeito ao movimento de um constituinte WH para o especificador de CP [Spec de CP]. Falaremos ainda do movimento de um núcleo para uma outra posição de núcleo quando discutirmos o movimento do verbo para I^0 (a flexão) e para C^0 (o complementizador).

2. Estudos Gerativos sobre Interrogativas

Nossa exposição acerca dos estudos sobre interrogativas WH se divide em três seções. A primeira traz duas resenhas de textos que abordam a questão das interrogativas WH em termos gerais. A segunda compreende duas resenhas de textos que analisam as interrogativas WH de línguas românicas. Finalmente, a terceira trata de resenhas de textos que estudam o comportamento das interrogativas WH do PB.

2.1. Estudos Gerais sobre Interrogativas

Nesta seção apresentaremos as resenhas dos textos de Pesetsky (1987), sobre WH *in situ*, e de Rizzi (1991), sobre o Critério WH, princípio gramatical que trata da boa formação de estruturas interrogativas dentro da Gramática Gerativa.

2.1.1. Pesetsky (1987)

Segundo Pesetsky (1987), *WH in situ* é um sintagma WH que não passa por movimento WH em ES; em outras palavras, é um sintagma WH que não tem movimento visível para Comp¹⁰. Em inglês apenas interrogativas múltiplas apresentam *WH in situ*.

O autor afirma existirem dois tipos de *WH in situ*: um que se move em LF e outro que não se move. Uma vez que ambos apresentam ambigüidade de escopo, o autor se inspira na distinção entre *indefnidos* e *quantificadores* de Heim (1982)¹¹ para caracterizar a distinção entre os dois tipos de *WH in situ*, como veremos mais adiante.

O autor mostra também que interrogativas múltiplas revelam ambigüidade de escopo; em uma sentença como (58), o *WH in situ* (*o que*) pode ser emparelhado com qualquer um dos outros WH que estão em Comp. Se *o que* é emparelhado com o WH que está no Comp mais baixo (*onde*), a resposta boa é *João sabe que nós compramos o livro em Amsterdam, o disco em Groningen, etc.* Se *o que* é emparelhado com o WH que está no Comp mais alto (*quem*), a resposta boa é *João sabe onde nós compramos o livro* (por exemplo, em Amsterdam):

(58) Quem sabe onde nós compramos o quê?¹²

Para explicar essa ambigüidade, Pesetsky discute a proposta de Baker (1970) por um lado e, por outro, a de Chomsky (1976), desenvolvida por Kayne (1979) e outros, e propõe que ambas podem ser utilizadas para interpretações particulares de *WH in situ*. Conforme o autor, Baker propõe coindexar os sintagmas WH, tanto os movidos como os *in situ*, com um morfema Q encontrado no Comp de sentenças interrogativas. Desta forma, o escopo dos sintagmas WH estaria representado, desfazendo, assim, a ambigüidade da

¹⁰ Antes de Chomsky (1986b), citado por Haegeman (1995), as categorias funcionais maiores não se adequavam à teoria X-barra. Assim tínhamos as seguintes regras de reescritura:

(i) S' → Comp S
S → NP Aux VP

Comp era então uma posição única que abrigava tanto núcleos quanto projeções máximas.

¹¹ Citado por Pesetsky (1987).

sentença acima, que resulta da possibilidade de duas coindexações diferentes de *o que*, como podemos observar em (59) abaixo:

- (59)a. $[[[C_{comp} Q_i \text{ Quem } _j] e_j \text{ sabe } [[C_{comp} Q_{i,k} \text{ onde } _k] \text{ nós compramos } (o \text{ quê})_i e_k]]$
 b. $[[[C_{comp} Q_{i,j} \text{ Quem } _j] e_j \text{ sabe } [[C_{comp} Q_k \text{ onde } _k] \text{ nós compramos } (o \text{ quê})_i e_k]]$

Segundo Chomsky (1976), WH *in situ* sofre o processo de movimento WH no nível de LF. Portanto, todas as palavras WH, tanto as que foram movidas em ES como as que foram movidas em LF, estão em Comp em LF. Uma vez que o escopo de um sintagma WH é determinado pelo Comp no qual ele se encontra, a leitura de escopo estrito de (58) resulta do movimento em LF de *o que* para o Comp mais baixo (60a); já a leitura de escopo largo, no movimento em LF de *o que* para o Comp mais alto (60b):

- (60)a. $[[[C_{comp} \text{ Quem } _j] e_j \text{ sabe } [[C_{comp} (o \text{ que})_i \text{ onde } _k] \text{ nós compramos } e_i e_k]]$
 b. $[[[C_{comp} (O \text{ que})_i \text{ quem } _j] e_j \text{ sabe } [[C_{comp} \text{ onde } _k] \text{ nós compramos } e_i e_k]]$

A proposta de Chomsky se baseia nos seguintes princípios:

- (61) Todo quantificador (operador) ocupa uma posição A' em LF.
 (62) Sintagmas WH são quantificadores (operadores).

Segundo Pesetsky, a distinção entre as análises de Baker e de Chomsky para WH *in situ* é semelhante às análises de Heim e de Russell para *indefinidos*. Enquanto a análise tradicional de Russell propunha que *indefinidos* são quantificadores e se movem para uma posição A' no nível de LF deixando uma variável em sua posição de origem, Heim (1982)¹³ postula que NPs *indefinidos* não são quantificadores, apesar de apresentarem ambigüidade de escopo. Seu caráter quantificacional dependerá do quantificador ou advérbio de quantificação que o acompanhar. *Indefinidos* parecem mais com variáveis que devem ser ligadas por algum quantificador. *Sempre* em (65) abaixo é um *unselective*

¹² Os exemplos de Pesetsky (1987) foram traduzidos do inglês para o PB sempre que o problema discutido for idêntico em ambas as línguas. No caso de o PB não ilustrar o fenômeno em discussão, mantém-se o exemplo em inglês.

¹³ Heim (1982) desenvolve idéias de Lewis (1975).

binder, pois pode ligar mais que uma variável. (63a-d) têm suas paráfrases com quantificadores reais em (64a-d):

- (63)a. Se um homem possui um burro, ele sempre bate nele.
- b. Na maioria dos casos, se uma mesa tem durado por cinco anos, ela durará por outros cinco anos.
- c. Algumas vezes, se um gato cai do quinto andar, ele sobrevive.
- d. Se uma pessoa cai do quinto andar, ele ou ela muito raramente sobreviverá.

- (64) a. Para todo homem e todo burro tal que o primeiro possua o último, ele bate nele.
- b. Muitas mesas que têm durado por cinco anos duram por outros cinco.
- c. Alguns gatos que caem do quinto andar sobrevivem.
- d. Muito poucas pessoas que caem do quinto andar sobrevivem.

(65)[sempre [se um homem_i possui um burro_j, ele_i bate nele_j]].

Heim traça um contraste entre a análise acima de indefinidos e um tratamento mais tradicional de indefinidos como quantificadores, dada por Russell. Esta visão propõe que, assim como outros quantificadores, indefinidos se movem para uma posição A' no nível de LF e trata o vestígio sintático deixado pelo movimento como uma variável ligada por eles:

(66)[um homem_i [um burro_j [se e_i possui e_j, ele_i sempre bate nele_j]]]

Pesetsky mostra que indefinidos não obedecem a efeitos de ilha na extração para determinar escopo. Por exemplo, na sentença (67) abaixo, o indefinido pode tomar escopo fora da sentença-*if*. Se este indefinido recebe escopo por extração, como em (68a), o autor afirma não poder explicar facilmente por que ele não obedece condição de ilha que prevê agramaticalidade quando tal extração se dá em interrogativas WH (68b) e estrutura de topicalização (68c):

(67) If John comes upon a donkey, Mary always tries to hide it.

(68) a. [a donkey_i [if John comes upon e_i, Mary always tries to hide it]]

b. *What donkey_i, if John comes upon e_i, does Mary try to hide it?

c. *This donkey_i, if John comes upon e_i, Mary tries to hide it.

Como indefinidos não obedecem nem esta nem outras condições de ilha para determinar escopo, Pesetsky conclui que eles não determinam escopo por extração. Heim distingue quantificadores reais de elementos ligados “sem seleção” porque, assim como existem fenômenos de escopo que não obedecem condições de ilha, também há aqueles que obedecem, como, por exemplo, o advérbio *todo*, que não pode tomar escopo fora da sentença-*if* em (69) abaixo:

(69) *If John comes upon every donkey at the zoo, Mary tries to hide it.

Isso é explicado se *every* é interpretado depois da extração:

(70) [every donkey_i [if John comes upon e_i, Mary always tries to hide it]]

O autor assegura que um NP com *every*, diferente de um indefinido, toma escopo como um resultado de extração. Obtém-se então o efeito de ilha.

Pesetsky afirma que o morfema Q de Baker é um *unselective binder* de Heim. Desta forma, a proposta de Baker é usada para tratar alguns WH *in situ* que não apresentam movimento, mas *unselective binding*, como os indefinidos. Por outro lado, a proposta de Chomsky é utilizada para tratar WHs *in situ* que apresentam movimento em LF como quantificadores reais.

Como uma forma de demonstrar que a análise chomskiana de que alguns WH *in situ* se movem em LF é correta, Pesetsky recorre à Condição de Superioridade, (71) abaixo. Chomsky (1973) notou que tal condição se aplica em interrogativas múltiplas do inglês:

(71) Em uma interrogativa múltipla, na qual um dos sintagmas WH está em Comp e o outro *in situ*, o vestígio em ES do WH que está em Comp deve c-comandar a posição ES do WH que está *in situ*.

A Condição de Superioridade está ilustrada por (72) abaixo. Em (72a) o vestígio e_i do WH em Comp c-comanda a posição ES do WH *in situ*. O mesmo não ocorre em (72b):

- (72) a. Who_i did you persuade e_i to read what?
b. ??What_j did you persuade who(m) to read e_j ?

Entretanto, a Condição de Superioridade, tal como está colocada, traz certos problemas, uma vez que o WH *in situ* pode manter algum tipo de relação de c-comando com o WH em Comp, em virtude de considerações de escopo. Porém, é difícil de entender por que o WH *in situ* deve manter algum tipo de relação com o vestígio do WH em Comp.

Pesetsky assume, então, uma versão da análise de Chomsky de WH *in situ*, segundo a qual se o WH *in situ* se move em LF, é possível explicar o efeito de superioridade como o resultado de uma condição familiar de movimento WH em ES.

O autor afirma que estruturas como (73a) e (74a) abaixo são frequentemente tomadas como inaceitáveis porque violam a Condição de ilha WH. No entanto, são melhores que suas contrapartes (73b) e (74b):

- (73) a. ?O que_j você não sabe $quem_i$ e_i persuadiu a ler e_j ?
b. * $Quem_i$ você não sabe o que_j e_i persuadiu a ler e_j ?

- (74) a. ?Este é um livro o $qual_j$ eu sei $quem_i$ falou e_i sobre e_j
b. *João é um cara que_i eu sei o que_j e_i falou sobre e_j

Nos exemplos (73a) e (74a) os vestígios-WH e os sintagmas WH estão em relação sem cruzamento, enquanto nos exemplos (73b) e (74b) as relações estão cruzadas. Estes últimos podem ser excluídos por uma versão do *Nested Dependency Condition* (NDC):

(75) *Nested Dependency Condition*

Se dois vestígios-WH se justapõem, um deve conter o outro.

Pesetsky postula que o NDC é uma condição sobre movimento e afirma que o efeito de superioridade pode ser derivado do NDC. Se o NDC é uma condição de movimento, então o *Efeito de Nested Dependency* (NDE) será diagnóstico de movimento. O autor encontra no fato de WH *in situ* mostrar NDE um forte argumento para acreditar que WH *in situ* passa por movimento LF. E encontra também um argumento em favor da análise de Chomsky.

Entretanto, nem sempre ocorre efeito de superioridade, como podemos observar nos exemplos abaixo:

(76) a. *Qual homem_i você persuadiu e_i a ler qual livro?*

b. *Qual livro_i você persuadiu que homem a ler e_i?*

(77) a. *Maria perguntou qual homem_i e_i leu qual livro.*

b. *Maria perguntou qual livro_i qual homem leu e_i.*

Pesetsky afirma que existe uma diferença entre sintagmas-*qual* (sintagmas-*which*) e a ocorrência normal de *quem* e *o que*. Entretanto, sintagmas-*qual* mostram a mesma ambigüidade de escopo que os outros sintagmas WH. Se esta discussão está correta, sintagmas-*qual* requerem um método de determinação de escopo que não envolva movimento LF, como, por exemplo, a representação de Baker, com ligação não-seletiva por Q.

Assim, o escopo de um sintagma-*qual* pode ser determinado pelo Comp que contém seu índice depois que a ligação pela análise de Baker for aplicada, como em (78) abaixo:

(78) ...[s[c_{comp} Q_{i,j} qual homem_i] [s e_i leu qual livro_j]]

Entretanto, não se pode escolher livremente entre a análise de Baker e a análise de Chomsky. *Quem* e *O que* em (72a-b) recebem a interpretação da análise de Chomsky. Pesetsky sugere que a diferença relevante entre as ocorrências normais de *quem* e *o que* e os sintagmas-*qual* está no discurso. Assim, os primeiros são normalmente *não-D-linked* (*Non-Discourse-linked*), enquanto os sintagmas-*qual* são *D-linked* (*Discourse-linked*). Segundo o autor, quando um falante pergunta *Qual livro você leu?*, a cadeia de “respostas felizes” se restringe a um conjunto de livros que ambos falante e ouvinte têm em mente, o que não ocorre com os sintagmas *who* e *what*.

Se D-linking rege a possibilidade de uma interpretação como a sugerida por Baker para WH *in situ*, então Pesetsky modifica (62) para (79):

(79) Sintagmas WH não-D-linked são quantificadores e são adjungidos a S'.

Esta adjunção é obrigatória em LF devido ao princípio (61) acima, segundo o qual todo quantificador deve estar em uma posição A' em LF. Pesetsky assume que tanto a análise de Baker quanto a de Chomsky para WH *in situ* são permitidas pela Gramática Universal. Os princípios (79) e (61) juntos excluem a análise de Baker para sintagmas WH não-D-linked. Por contraste, o autor supõe (80):

(80) Sintagmas WH D-linked não são quantificadores.

Sintagmas WH D-linked recebem, então, a análise de Baker, isto é, sem movimento. Por isso, escapam do NDC e não exibem Efeito de Superioridade. Como não se movem, tomam escopo através do mecanismo de ligação proposto por Baker. Já os sintagmas WH não-D-linked recebem a análise de Chomsky segundo a qual há movimento em LF e, portanto, essas construções exibem Efeito de Superioridade.

Assim, Pesetsky sustenta a hipótese de que alguns WH *in situ* se movem em LF e outros não. Aqueles que se movem mostram diagnóstico de movimento através do NDE. Além disso, o autor afirma que sintagmas WH devem se mover em LF somente se são não-D-linked. Caso contrário, não apresentam movimento e tomam escopo através do mecanismo de ligação proposto por Baker.

2.1.2. Rizzi (1991)

Segundo Rizzi (1991), em muitas línguas, como o inglês (81) e o italiano (82)¹⁴, não é permitida a intervenção do sujeito entre o elemento WH e o verbo flexionado:

(81) a. What has Mary said?

‘O que Maria disse?’

b. *What Mary has said?

(82) a. Che cosa ha detto Maria?

‘O que Maria disse?’

b. Che cosa ha detto?

c. *Che cosa Maria ha detto?

Aparentemente essas duas línguas apresentam estratégias diferentes para evitar que o sujeito intercale o elemento WH e o verbo flexionado; o inglês usa o verbo auxiliar flexionado preposto ao sujeito (81a) e o Italiano utiliza ou sujeito posposto, como em (82a), ou a realização \emptyset deste, como em (82b). Rizzi coloca, então, duas questões:

(i) O que exclui sentenças como (81b) e (82c)?

(ii) As estratégias do inglês e das línguas românicas são as mesmas?

Para responder a (i), Rizzi assume a hipótese de Chomsky (1986)¹⁵ segundo a qual em interrogativas principais, o movimento I para C deve se aplicar e criar uma configuração Spec-Núcleo que envolva o elemento WH e o verbo flexionado. Assim, a inversão Sujeito-Auxiliar se reduzirá a um caso particular de V2 (Verb Second): *V2 residual*, isto é, manifestações de movimento de I para C em línguas que não generalizam V2 para sentenças declarativas principais.

¹⁴ Não incluímos na resenha o caso do italiano, analisado por Rizzi (1991), por se tratar de inversão românica, fenômeno que não ocorre em PB. Por outro lado, a discussão sobre a inversão germânica que ocorre em inglês é relevante frente ao estudo do PB realizado nesta dissertação.

¹⁵ Citado por Rizzi (1991).

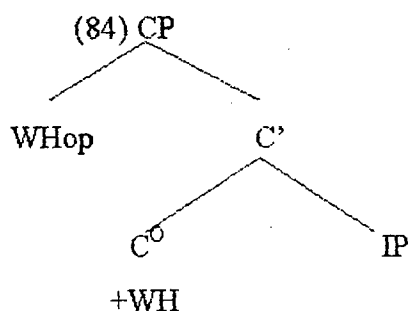
Desta maneira, a questão (i) pode ser reduzida a: o que causa V2 residual? Rizzi propõe que a aplicação do movimento de I para C neste e em outros casos similares é forçada para satisfazer o *Critério WH*, uma condição de boa formação nas sentenças WH, a qual é responsável pela distribuição na ES e interpretação na LF de operadores WH.

O autor assume que o complementizador de uma interrogativa é marcado pelo traço +WH. Assim, ele formula o seguinte princípio:

(83) O Critério WH:

- A. Um operador +WH deve estar em uma configuração Spec-Núcleo com um X^o +WH.
- B. Um X^o +WH deve estar em uma configuração Spec-Núcleo com um operador +WH.

Como o traço +WH em um núcleo designa o fato de que a projeção deste núcleo (CP) é uma interrogativa, o Critério WH expressa o fato de que operadores devem estar em Spec CP, para a frase ser interpretada como interrogativa, e, reciprocamente, CPs interpretados como interrogativas devem ter operadores interrogativos como especificadores, de acordo com a representação (84) abaixo:



Em inglês, por exemplo, o Spec de CP de uma interrogativa (matriz ou encaixada) deve ser preenchido por um elemento WH na ES; por isso, WH *in situ*, exemplificado em (85) abaixo, é excluído:

(85)* I wonder [[you saw *who*]]

‘Eu pergunto você viu quem’.

A interrogativa (85) viola a cláusula B do Critério WH porque o verbo *wonder* seleciona uma interrogativa encaixada, ou seja, um CP cujo C⁰ está marcado com o traço +WH. Esse C⁰ deveria estar em relação Spec-Núcleo com um operador WH na ES, o que não ocorre.

Em inglês só é possível WH *in situ* em interrogativas múltiplas. Porém, o elemento WH deve permanecer em posição de base, como *where* em (86a) abaixo; se ele for movido para uma posição A', que não é uma posição de escopo apropriada, como em (86b) abaixo, então a estrutura é excluída por haver um operador WH que não está em configuração Spec-Núcleo com um núcleo WH:

(86) a. Who believes [[Mary went *where*]]
‘Quem acredita Mary foi onde’.

b. * Who believes [*where* [Mary went t]]

Para demonstrar como o Critério WH se aplica em interrogativas encaixadas do inglês, Rizzi discute o seguinte paradigma para interrogativas encaixadas:

(87) a. * I wonder [[Mary has seen who]]
‘Eu pergunto Mary tem visto quem’.

b. I wonder [who [Mary has seen t]]

c. * I wonder [has [Mary t seen who]]

d. * I wonder [who has [Mary t seen t]]

O autor observa que o verbo *wonder* seleciona uma interrogativa encaixada indireta; isto é, um CP cujo núcleo é [+WH]. Assim, (87a-c-d) são agramaticais porque em nenhuma delas o operador WH está em configuração Spec-Núcleo com o núcleo +WH na ES. Por outro lado, em (87b) o movimento WH é aplicado, a configuração Spec-Núcleo é criada e o Critério WH é, então, satisfeito.

Nas interrogativas matrizes em (88) abaixo, a única sentença boa é (88d), na qual *who* está em Spec de CP e *has* no núcleo C⁰, formando, assim, a configuração Spec-

Núcleo requerida pelo Critério WH. (88a) é excluída pela cláusula B do Critério WH na ES, pois o operador WH (*who*) não se encontra em Spec de CP e as demais sentenças porque não há configuração Spec-Núcleo (em (88b) porque não há núcleo e em (88c) porque não há operador):

- (88) a. *[[Mary has seen *who*]]
 'Mary tem visto quem'.
 b. *[*Who* [Mary has seen t]]
 c. *[Has [Mary t seen *who*]]
 d. [Who has [Mary t seen t]]

Rizzi conclui, então, que a inversão obrigatória Sujeito-Auxiliar através de movimento I para C é forçada por princípios que são responsáveis pela distribuição e interpretação de operadores WH. Entretanto, o movimento de I para C não pode ser aplicado quando o elemento WH é o sujeito da sentença, como em (89a):

- (89) a. * [*Who_j* $\widehat{\text{does}}$ [t_j t love Mary]]
 'Quem ama Mary'.
 b. [*Who_j* · C [t_j loves Mary]]

Assim, surgem dois problemas:

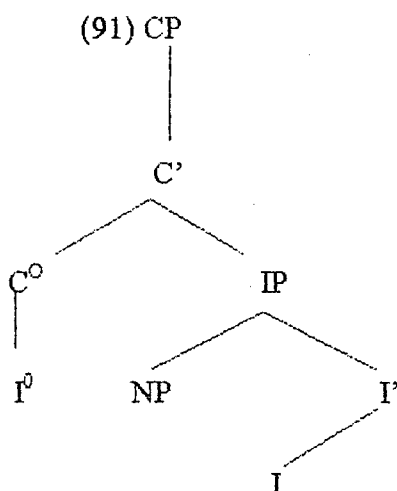
- (i) Por que I para C é incompatível com movimento de sujeito?
 (ii) Por que I para C não é permitido em (89b) e não há violação do Critério WH?

Em Rizzi (1990a)¹⁶ é argumentado que (89a) é excluída por violar a regência própria de núcleo do ECP:

- (90) *t* deve ser regido nuclearmente por X⁰ dentro de X' (a projeção imediata de X).

¹⁶ Citado por Rizzi (1991)

Rizzi argumenta que se a estrutura derivada do movimento de I para C em inglês é (91) abaixo, então não é possível que um vestígio ocorra na posição de sujeito, pois ele não é regido por C, mas sim por I, não dentro entretanto da projeção imediata de I'. Por isso, o requerimento de regência nuclear apropriada (90) é violado:



Quanto a (89b), que, mesmo não envolvendo movimento de I para C, é bem formada e não viola o Critério WH, Rizzi propõe que uma possível análise é assumir que o sujeito não se move. A representação desta sentença é, então, a seguinte:

(92) [[Who Infl_{+WH} loves Mary?]]

O autor argumenta que em (92) o sujeito permanece em Spec de INFL dotado com o traço +WH. Neste caso, o Critério WH é satisfeito dentro de IP. Mas essa solução mínima tem problemas. Assim, ao invés de (92), a melhor representação é (89b).

Para mostrar por que o Critério WH não é violado em (89b), Rizzi propõe que o Critério WH requer que a cadeia da posição X⁰ relevante tenha o traço +WH, não necessariamente a própria posição o tenha. O autor argumenta que é possível construir a cadeia apropriada em (89b), pois I⁰ e o morfema de flexão contendo o traço +WH são coindexados e já formam uma cadeia. Se o sujeito movido localmente para Spec CP

desencadeia a concordância em C (Rizzi 1990a), obtém-se o seguinte padrão de coindexação:

(93) [Who_i C_i [t_i I_i love-s_[+WH] Sylvia]]

Rizzi argumenta que, tendo em vista que a concordância é minimamente expressa por coindexação, o vestígio do sujeito é coindexado com Infl e com *Who_i*, o qual é coindexado com C⁰. E este último, por transitividade, é coindexado com I⁰. Assumindo que duas posições coindexadas em uma relação de ligação local podem sempre ser postas em uma cadeia simples, C⁰ forma uma cadeia com I⁰ e com a flexão sobre V contendo o traço +WH. Por isso, o Critério WH é satisfeito na ES.

O autor questiona então o fato de a opção de cadeia ser restrita a movimento local de sujeito e analisa o padrão de indexação que surge quando algum outro elemento, por exemplo, um objeto direto, é movido para Comp, como em (94) abaixo:

(94) Who C [Sylvia I loves t]

Rizzi mostra que em (94) o operador WH deve ser contraindexado com o sujeito devido ao efeito de *Strong Cross-over* (Se eles estiverem coindexados, a variável estaria também coindexada com o sujeito, e o princípio C seria violado), por isso, C⁰ está contraindexado com I⁰ por transitividade e nenhuma cadeia pode ser formada. Uma vez que C⁰ não pode ser dotado com o traço +WH através da formação de cadeia, o Critério WH só pode ser satisfeito neste caso pelo movimento de I para C. Rizzi conclui então que a inversão Sujeito-Auxiliar é obrigatória em todos os casos em que o elemento movido não é o sujeito local.

Para definir o que vem a ser operador WH, Rizzi observa os seguintes exemplos:

(95) a. * You gave what to whom?
‘Você deu o que a quem?’

b. What did you give t to whom?

Segundo o autor, esse dois exemplos sugerem que o Critério WH se aplica assimetricamente em inglês, pois sua cláusula B deve ser satisfeita na ES, mas a cláusula A pode ser adiada até LF. (95a) é, então, excluída pela parte B do Critério WH, pois não há um operador WH em Spec de Comp que suporte o traço + WH. Entretanto, (95b) é gramatical com um operador WH *in situ* (*whom*) se a parte A for adiada até LF.

Todavia, Rizzi assume por várias razões empíricas que ambas as cláusulas do Critério WH se aplicam em ES. Para resolver este paradoxo, o autor explica que a noção de operador WH precisa ser refinada a fim de poder explicar WH *in situ* em interrogativas múltiplas do inglês, tais como (95b) acima. Ele considera, então, as duas afirmações em (96):

- (96) (i) O Critério temático se aplica na EP, ES e LF.
- (ii) Variáveis são argumentos.

E, também, a EP (97a) e sua ES (97b), bem como a interrogativa múltipla (98) na ES:

- (97) a. Mary saw whom.
‘Mary viu quem’.
- b. Who did Mary see t ?

(98) Who t saw whom?

Segundo (96i) o verbo *see* atribui papel temático ao seu objeto na EP, por isso *who* deve ser um argumento em (97b). Além disso, segundo (96ii), esse papel temático é recebido pela variável em (97b) na ES. *Who* em (97b) funciona então como não-argumento e como argumento em diferentes níveis.

Rizzi mostra que ocorrências diferentes do mesmo elemento em ES também surgem na sentença (98), na qual o papel temático de sujeito é atribuído à variável de *Who*, que deve ser, então, não-argumental, uma vez que está em uma posição A' (isto é, Spec de CP). Por outro lado, *whom* é quem recebe o papel temático de objeto, por isso ele deve ser um argumento.

Em vista do que foi exposto acima, Rizzi supõe que a noção de operador WH é definida em parte em termos funcionais, na forma dada em (99):

(99) operador WH = um sintagma WH em uma posição A'.

Rizzi afirma que, a menos que seja um operador de acordo com (99), um sintagma WH como tal é um argumento. Assim, em (97a) *whom* não é um operador mas sim um argumento pois está em uma posição A e recebe papel temático de objeto. Já em (97b) ele está em uma posição A' e portanto é qualificado como operador e não como argumento. O papel temático de objeto pode ser, então, atribuído à variável. Da mesma forma, *who* em (98) é um operador porque está em uma posição A'. Assim, a variável recebe o papel temático de sujeito. Por outro lado, *whom* nesta mesma interrogativa é um argumento, pois está em uma posição A e pode, pois, receber o papel temático de objeto. Assim, Rizzi resolve o paradoxo mencionado acima.

Levando em conta o que foi observado até aqui, Rizzi retoma a interrogativa (95b) e afirma que sua gramaticalidade é compatível com a hipótese de que o Critério WH em inglês se aplica na ES. Isto significa dizer que, de acordo com a definição dada em (99), o Critério WH não é violado em interrogativas múltiplas do inglês no que concerne ao elemento WH *in situ*. Uma vez que este se encontra em uma posição A, ele não é qualificado como operador; portanto, a cláusula A do Critério WH não se aplica a ele.

Entretanto, Rizzi alerta para o fato de que o movimento WH em interrogativas múltiplas do inglês pode mover somente um elemento de sua posição de origem para uma posição de escopo apropriada na sintaxe ou em LF. Observe (100):

(100) *Who thinks [whom [Mary saw t]]
'Quem pensa quem Mary viu'.

A sentença (100) é excluída pela cláusula A do Critério WH porque, apesar de *whom* estar em uma posição A', tal posição não contém o traço + WH em decorrência das propriedades seletivas do verbo *think*. Portanto, não pode haver um operador WH no C mais baixo.

Finalmente, a partir da discussão precedente e considerando outros fatos com respeito à distinção A / A', Rizzi assume que a definição funcional de operador deve levar em conta uma noção mais articulada de posição de escopo, tomando posição de escopo como a posição A' periférica à esquerda (uma posição de Spec ou adjungida):

(99') Operador WH = um sintagma WH em posição de escopo.

Outros pontos deste texto clássico de Rizzi serão discutidos mais à frente, quando debatidos por outros autores examinados nesta dissertação.

2.2. Análise das Línguas Românicas

Os textos resenhados nesta seção analisam o comportamento das interrogativas WH nas línguas românicas. Torrego (1984) estuda os contextos em que a ordem VS é obrigatória nas interrogativas do espanhol, e Âmbar (1987) analisa a obrigatoriedade ou opcionalidade da inversão VS nas interrogativas do PE.

2.2.1. Torrego (1984)

Segundo Torrego (1984), existem em espanhol vários tipos de inversão do sujeito. O primeiro tipo, chamado inversão livre de sujeito, está ilustrado em (101):

(101) Contestó la pregunta *Juan*.
'Contestou a pergunta Juan.'

Há, porém, a inversão obrigatória de sujeito, que ocorre quando um sintagma WH de um certo tipo ou seu vestígio se encontram em Comp antes de LF em interrogativas WH finitas tanto matrizes, como em (102), quanto encaixadas, como em (103):

(102) a. Qué querían *esos dos*?
'Que queriam esses dois?'
b. *Qué *esos dos* querían?

- (103) a. No sabía qué querían *esos dos*.
 ‘Não sabia que queriam esses dois’.
- b. No sabía qué *esos dos* querían.

Entretanto, se não há movimento WH, a inversão obrigatória de sujeito não se aplica. Portanto, não há tal inversão em interrogativas Y/N (104a) ou em interrogativas WH que não tenham elemento WH preposto, como em (104b):

- (104) a. *Marta* quiere café?
 ‘Marta quer café?’
- b. *Marta* quiere qué?

Nem todos os sintagmas WH exigem inversão obrigatória de sujeito em espanhol. Este é o caso, segundo Torrego, de *en qué medida*, *por qué*, *cuándo* e *cómo*, conforme os exemplos abaixo:

- (105) a. En qué medida *la constitución* ha contribuído a eso?
 ‘Em que medida a constituição tem contribuído para isso’
- b. Por qué *Juan* quiere salir antes que los demás?
 ‘Por que Juan quer sair antes que os demais’
- c. Cuándo *Juan* consiguió por fin abrir la puerta ayer?
 ‘Quando Juan conseguiu por fim abrir a porta ontem’
- d. Cómo *Juan* ha conseguido meter allí a su hijo?
 ‘Como Juan tem conseguido pôr ali seu filho’

Torrego faz notar que os sintagmas WH que exigem inversão obrigatória de sujeito são argumentos temáticos internos e externo do verbo¹⁷. A autora nomeia *palavra WH_A* a todo sintagma WH do tipo que requer inversão obrigatória de sujeito. Assim, em espanhol uma *palavra WH_A* que se encontra em Comp em sentenças finitas aciona inversão obrigatória de sujeito em interrogativas matrizes e encaixadas.

Torrego assume, então, que existe uma regra na gramática do espanhol que move

¹⁷ No sentido de Williams (1980) e Marantz (1981), conforme Torrego (1984).

para a esquerda do sujeito qualquer que seja a projeção de seqüência verbal V, como por exemplo *ha organizado*. Tal regra, considerada pela autora como uma regra de adjunção, é chamada de *Verb-Preposing (V-Preposing)*¹⁸.

Torrego supõe que o traço de V não é suficientemente lexical para funcionar como regente próprio. A autora considera também que a regra de inversão de V-Preposing em espanhol mostra evidências empíricas para a análise cíclico-sucessiva de movimento WH. V-Preposing deve ser aplicado em espanhol sempre que sintagma WH_A ou seus vestígios estiver em Comp na ES em sentenças matrizes e encaixadas.

Em uma análise cíclico-sucessiva de movimento, o elemento WH se move em passos sucessivos, como em (106a) abaixo, enquanto na análise não cíclico-sucessiva o elemento WH se move de sua posição de base para a sua posição de superfície em um único passo, como em (106b) abaixo:

(106) a. s'[[sintagma WH]_i s[...s'[Comp[e_i] s[...s'[Comp[e_i] s[...[e_i]...]]]]]]

b. s'[[sintagma WH]_i s[...s'[s[...s'[s[...[e_i]...]]]]]]]

Se o movimento WH ocorre em ciclos sucessivos, cada um dos movimentos iterativos do sintagma WH_A fará o verbo subir para S de cada um dos ciclos S' correspondentes. Contudo, se o movimento WH é cíclico não-sucessivo, o verbo estará preposto somente na sentença na qual o sintagma WH aparece na posição mais alta na estrutura de superfície, porque o sintagma WH nunca passará dentro das posições Comp intermediárias de sentenças encaixadas.

Torrego conclui que V-Preposing em espanhol se move de maneira cíclico-sucessiva, dadas as seguintes sentenças:

(107)a. Qué piensa Juan que *había dicho* la familia que les *habían aconsejado* los amigos que estudiara su hija?

'O que pensa Juan que havia dito a família que o haviam aconselhado os amigos o que estudara sua filha'

¹⁸ Quando Torrego (1984) escreveu seu artigo, ainda não havia previsão de uma posição (C⁰) para o movimento do verbo.

b. A quién *prometió* Juan que Pedro se *encargaría* de que la gente *sacara* las entradas a tiempo?

‘A quem prometeu Juan que Pedro se encarregaria de que a gente tirara as entradas a tempo’

Em (107a) acima, na qual o sintagma WH fronteado se origina na sentença encaixada, o V-Preposing deve se aplicar em passos sucessivos; por isso, há inversão VS tanto na matriz, como nas encaixadas. Por outro lado, quando o sintagma WH se origina na sentença matriz, como em (107b), ele não ocupa nenhuma posição Comp das sentenças encaixadas; portanto, V-Preposing só é acionado na sentença matriz.

Além disso, em espanhol é possível movimento WH de dentro de interrogativas indiretas, como mostram os exemplos abaixo:

(108) a. Quién no sabes cuánto pesa?

‘Quem não sabe quanto pesa’

b. Quién no sabes qué es en esta empresa?

‘Quem não sabe o que é nesta empresa’

Nos exemplos acima, nenhum dos elementos WH-movidos da sentença encaixada são gerados-na-base dentro de VP. Na interrogativa (108a), o elemento movido é um sujeito;¹⁹ em (108b), é um PP adjunto a S. Entretanto, nem sempre é possível extração de ilha WH em espanhol. Neste caso, todos os movimentos WH, conforme Torrego, envolvem o movimento de uma categoria contida em VP de uma interrogativa que requer V-Preposing, como em (109):

(109) a. *Cuánto no sabes quién pesa?

‘Quanto não sabes quem pesa’

b. *Qué no sabes quién es en esta empresa?

‘O que não sabes quem é em esta empresa’

¹⁹ No quadro teórico em que Torrego se move, o sujeito era gerado diretamente no nóculo dominado por S, o que corresponderia a Spec IP no quadro atual.

Segundo Torrego, as sentenças de (109) acima são agramaticais porque elementos subcategorizados (*cuánto, qué*) pelo verbo de uma interrogativa que envolve V-Preposing são WH-movidos. Por outro lado, quando o verbo da interrogativa encaixada não passa por V-Preposing, como em (110a) abaixo, um sintagma subcategorizado por V pode ser livremente WH-movido de dentro da interrogativa indireta:

- (110) a. Qué dices que no te explicas por qué *Juan* se habrá comprado?
'O que você diz que não entende por que Juan terá comprado'
- b. *Qué dices que no te explicas a quién (le) ha comprado *Juan*?
'O que você diz que não entende de quem Juan comprou'

Torrego conclui que existe uma relação entre a regra V-Preposing e impossibilidade de extração-WH de um complemento de V de uma interrogativa indireta e argumenta ainda que sentenças como (109) acima são agramaticais devido à regra de inversão que antepõe o verbo em interrogativas matrizes e encaixadas.

Além disso, coloca a hipótese de que elementos subcategorizados pelo verbo não podem ser movidos de uma interrogativa com V-Preposing porque seus vestígios não seriam regidos segundo o ECP²⁰.

Torrego afirma que, ao contrário do que ocorre em inglês, a extração de objetos e outros complementos verbais pode violar ECP em espanhol. A causa disso está no fato de que em espanhol interrogativas WH encaixadas requerem V-Preposing, mas não em inglês. A autora argumenta que uma vez que o verbo foi alçado para o início da sentença, ele não pode reger um traço que está em VP. Nessa posição, ele rege a posição de sujeito à sua direita. A definição de regência própria é dada em (111):

- (111) α rege propriamente β iff α rege β e α é lexical.

Regência é definida como segue (Chomsky (1981, 250))²¹:

²⁰ Empty Category Principle (Principio das Categorias Vazias): toda categoria vazia (-pronominal) deve ser propriamente regida.

²¹ Citado por Torrego (1984).

(112) α rege γ em β [... γ ... α ... γ ...], onde

a. $\alpha = X^3$ ou é coindexado com γ

b. onde φ é a projeção máxima, se φ domina γ , então φ domina α

c. α c-comanda γ .

A autora considera a seguinte configuração ES da sentença agramatical (113a):

(113) a. *Qué diccionario no sabías a quién había devuelto Celia

b. * s_1 [[Qué diccionario $_i$] no sabías s_2 [[a quién $_j$] había devuelto s_3 [Celia vp [t_v e_i e_j]]]]]

Torrego afirma que a sentença (113) é agramatical porque o vestígio do objeto e_i não é propriamente regido, já que nenhum regente lexical se encontra disponível. O verbo da sentença encaixada não pode reger o vestígio do objeto pois este último está protegido pela projeção máxima VP que o contém. O antecedente coindexado de e_i , que poderia funcionar como seu regente próprio dentro das condições impostas por (112), não pode fazê-lo porque está no Comp matriz. A autora assume a mesma análise para explicar a agramaticalidade das sentenças de (109) acima.

Todavia, Torrego nota que o ECP permite vestígios na posição de objeto em interrogativas WH simples com o V-Preposing, como (114):

(114) Qué $_i$ entregó Juan t_v e_i a Pedro?

'Que entregou Juan a Pedro'

Torrego afirma que a aceitabilidade de (114), com o verbo frontado, é semelhante à gramaticalidade de (108), onde um vestígio interno do VP parece satisfazer o ECP mesmo que o verbo encaixado esteja preposto. Em vista disso, Torrego propõe uma revisão no ECP.

Adotando a versão revisada da noção de C-comando de Sportiche & Aoun (1981)²², Torrego assume que o verbo frontado de uma construção V-Preposing por

²² Citado por Torrego (1984).

definição rege o sintagma WH alçado para Comp, dada a seguinte definição de regência:

(115) α rege γ em $_{\beta}$ [... γ ... α ... γ ...], onde

a. $\alpha = [\text{lexical}] X^0$

b. onde φ é uma projeção máxima, φ domina α se e somente se φ domina γ .

Assim, em sentenças como (114) acima, o verbo preposto (*entregó*) rege ao mesmo tempo o sintagma WH (*Qué*) à sua esquerda e o sujeito (*Juan*) à sua direita. Por outro lado, se ignorarmos a regência do sujeito tal como foi dada acima, é possível explicar a aceitabilidade de (114) que, segundo Torrego, combina diretamente com a regência de sujeito em inglês pelo vestígio coindexado em Comp. Assim, cada membro da cadeia de (114) é regido: *Que_i* é regido pelo verbo preposto e *e_i* é regido pelo vestígio do verbo (*t_v*).

A autora incorpora, então, a noção de *cadeia* na formulação do ECP. Por conseguinte, um vestígio que não é propriamente regido por um núcleo lexical pode satisfazer o ECP se ele fizer parte de uma cadeia cujos membros são regidos. O ECP é modificado, pois, como segue:

(116) $_{\alpha}[e]$ é regido propriamente iff

a. existe um X^0 tal que X^0 rege $_{\alpha}[e]$, ou

b. $_{\alpha}[e]$ está em um $C = (a_1 \dots a_n)$ tal que

i. de cada i , a_i é regido, e

ii. $n > 1$

Torrego conclui então que em espanhol V-Preposing é acionado somente quando o sintagma WH em Comp é um argumento temático do verbo e que a reformulação do ECP em (116) se refere diretamente à aceitabilidade de sentenças como (114), na qual o ECP é satisfeito através da regência de cada membro de sua cadeia.

2.2.2. Ambar (1987)

Ambar (1987) postula que há uma certa simetria entre as estruturas interrogativas WH do Espanhol e do PE. A generalização feita por Torrego acerca do deslocamento do argumento temático do verbo para Spec de CP, desencadeando inversão VS obrigatória, verifica-se em parte no PE:

- (117) a .Que comprou a Joana?
b .*Que a Joana comprou?

Entretanto, algumas vezes em PE o argumento temático do verbo é movido para Spec de CP, mas a inversão, que era obrigatória em espanhol, passa a ser optativa:

- (118) a .Que livro a Joana comprou?
b .Que livro comprou a Joana?

- (119) a . Em que sala eles puseram o quadro?
b . Em que sala puseram eles o quadro?

Por outro lado, e também de modo diferente do Espanhol, em algumas estruturas do PE, o elemento deslocado para Spec de CP não é argumento temático do verbo e mesmo assim a inversão é obrigatória:

o

- (120) a .Quando chegaram os teus amigos?
b .*Quando os teus amigos chegaram?

- (121) a .Onde comprou o João essa revista?
b .*Onde o João comprou essa revista?

Todavia, se os adjuntos *quando* e *onde* em (120b) e (121b) forem substituídos por um sintagma contendo um N foneticamente realizado, essas sentenças tornam-se aceitáveis:

- (122) a .A que horas os teus amigos chegaram?
b .Em que livraria o João comprou essa revista?

Ao lado da simetria entre interrogativas diretas/indiretas do Espanhol, constata-se em PE um comportamento diferenciado para cada uma destas construções. No exemplo abaixo, enquanto a interrogativa direta (123a) é agramatical sem a inversão VS, as indiretas (123b) e (123c) mostram que inversão é facultativa:

- (123) a .*Onde eles se reuniram?
b .Sabes onde eles se reuniram?
c .Sabes onde se reuniram eles?

Entretanto, se o constituinte interrogativo é *que* ou *por que*, mesmo nas interrogativas indiretas a inversão será obrigatória, como segue:

- (124) a .*Que o João leu?
b .*Sabes que o João leu?
c .Sabes que leu o João?

- (125) a .O João perguntou por que ofereceu o Pedro um presente à Maria.
b .*O João perguntou por que o Pedro ofereceu um presente à Maria.

Por outro lado, se *que* em (124b) e (124c) é substituído por *o que*, a inversão torna-se facultativa. Observe o paralelismo entre (124b)-(124c) e (126a)-(126b):

- (126) a .Sabes o que o João disse?
b .Sabes o que disse o João?

Note que a substituição só é bem sucedida quando se trata de interrogativas indiretas. O mesmo não ocorre quando se trata de interrogativas diretas. Compare (126) com as sentenças abaixo:

- (127) a. *Que o João leu?
b. *O que o João leu?

Ademais, o PE utiliza uma estratégia alternativa para todos os casos de inversão obrigatória: inclui *é que*, retirando o caráter obrigatório da inversão, tanto nas interrogativas matrizes (128a-c), quanto nas encaixadas (128d):

- (128) a. Que é que o João comprou?
b. O que é que o João comprou?
c. Sabes que é que o João comprou?

A partir dos dados relacionados até aqui acerca do PE, podemos perceber que a hipótese de Torrego para o Espanhol, segundo a qual o movimento do argumento temático do verbo para Spec de CP desencadeia inversão VS obrigatória, não se aplica satisfatoriamente em PE. Isso porque, nesta língua, a inversão VS ocorre mesmo quando o elemento elevado para Spec de CP não é o argumento temático do verbo (cf. exemplos (120)-(121)).

Por outro lado, algumas vezes a inversão é optativa apesar de o argumento temático do verbo ser deslocado para Spec de CP (veja exemplos (118)-(119)). Desta forma, a inversão obrigatória em PE e em Espanhol não são regulamentadas pelo mesmo tipo de restrição.

O que temos, pois, em PE, é que V para Comp em interrogativas indiretas só é acionado pelos sintagmas WH *que* e *por que* (exemplos em (124) e (125)). A partir da assimetria encontrada com relação a esses sintagmas, Ambar postula que assim como existe um sintagma WH com um N foneticamente realizado, exemplificado em (118), é provável que haja um sintagma com um N nulo sem realização fonética junto a *que* em sentenças como (129b) abaixo. Esse N nulo é uma categoria vazia (cv) a qual pode ser

deduzida a partir da intuição do falante tendo em vista a equivalência entre [Que cv] e as expressões *que coisa* em PE e *che cosa* em Italiano. Além disso, as condições mínimas de licenciamento e recuperabilidade de conteúdo da cv são respeitadas:

- (129) a. Que [livro] a Joana comprou?
b. Que [cv] comprou a Joana?

Segundo Ambar, essas condições mínimas de licenciamento e recuperabilidade é que desencadeiam V para Comp. Isso ocorre porque, não sendo o elemento WH um regente lexical, a cv adjungida a este procura seu regente no verbo flexionado em C na configuração V para Comp, o que justifica a inversão VS obrigatória na interrogativa direta (117a) e na indireta (124c) acima.

Assim, quando temos [que cv], a inversão VS é obrigatória porque a categoria vazia precisa ser licenciada pelo verbo flexionado. Segundo o Princípio das Categorias Vazias (ECP), toda categoria vazia tem que ser propriamente regida. Por Regência Própria, segundo a teoria de Aoun & Sportiche (1981)²³, temos que α rege propriamente β se e somente se:

- (i) α é lexical (= X^0) ou
(ii) α é co-indexado com β .

Desta forma, a cv em (129b) é lexicalmente regida pelo verbo elevado, o que justifica a inversão obrigatória. Além disso, *é que* incluído em (128a-b) possibilita a regência da cv em Spec de CP, o que retira a necessidade de inversão obrigatória, pois o papel desempenhado pelo verbo flexionado, elevado em (129b), é agora desempenhado por *é que*.

Ambar postula ainda que alguns sintagmas WH apresentam traços inerentes importantes para a recuperabilidade de conteúdo da cv. Esses traços são, entre outros:

quem = [que cv_[humano]]

²³ Citado por Ambar (1987).

quando = [que cv_[tempo]]

*o que*²⁴ = [que cv_[definido]]

onde = [que cv_[lugar]]

Diferente destes sintagmas, *que* e *por que*, segundo a autora, não apresentam nenhum desses traços. Assim, o verbo, quando móvido para C, é capaz de identificar a cv.

2.3. Análise do Português Brasileiro

Esta última seção compreende as resenhas de autores, cujos trabalhos analisam o comportamento das interrogativas WH do PB. Além dos estudos sobre esta língua, o texto de Menuzzi (1992) traz também uma análise acerca dos fatos encontrados no PE e analisados por Ambar (1987). O texto de Mioto (1994) aqui resenhado procura explicar a ordem das interrogativas WH do PB a partir do Critério WH de Rizzi (1991) trabalhado anteriormente. As resenhas dos dois últimos textos, Mioto & Figueiredo Silva (1995) e Mioto (1997), foram agrupadas porque tratam do mesmo assunto, ou seja, se existe ou não equivalência entre *WH é que* e *WH que*.

2.3.1. Menuzzi (1993)

Menuzzi (1993) discorda de Ambar quando a autora propõe que *que* representa o padrão para todos os sintagmas que desencadeiam V para Comp em PE. Menuzzi também não vê motivos para admitir que o *que* desencadeia o movimento de V para Comp, em todos os casos em que esse movimento ocorre em PE, sejam as condições de licenciamento de uma categoria vazia encontrada internamente na estrutura dos sintagmas WH.

O autor demonstra que o sintagma WH *que* se comporta de modo diferenciado dos demais sintagmas WH tanto em PE como em PB: movimento obrigatório de V para Comp

²⁴ Segundo Ambar (1987), o sintagma WH *que* traz um domínio mais genérico que *o que*.

só ocorre quando *que* está em Spec de CP. Por outro lado, o comportamento de *por que* é igual ao dos demais sintagmas WH e, portanto, diferente de *que*.

Para atestar o comportamento idiossincrático de *que*, Menuzzi aponta para o fato de que *que* é o único elemento WH que não pode permanecer *in situ* em posição de objeto (130a), enquanto *por que* comporta-se como os demais sintagmas WH. Veja os exemplos de (130) abaixo:

- (130) a. *O Paulo deu *que* à Maria?
b. O Paulo deu o livro à Maria *por quê*?
c. ??*Que* Paulo deu à Maria?
d. Paulo encontrou *que* pessoas?
e. O Paulo deu *o que* à Maria?

Menuzzi faz notar também que, diferente do que Ambar havia afirmado, além de apresentar interrogativas WH *in situ* como o PB, o PE exibe o mesmo paradigma daquela língua quanto à assimetria entre *que* e os demais sintagmas WH.

Para demonstrar que V para Comp encaixado não é acionado pelas condições de recuperabilidade de uma categoria vazia no sintagma [*que* cv], o autor mostra que o sintagma WH *que* não pode permanecer em posição de objeto, ainda que seja possível encontrar nesta posição uma cv que requeira a identificação de seu traço.

Além disso, o licenciamento “puramente formal” de *que* em Spec de CP acontecerá sempre que houver algum conteúdo lexical em Comp, qualquer que seja este conteúdo. Assim, *que* pode ser licenciado por um verbo flexionado que não apresenta nenhuma relação temática com ele, como em (131b), bem como por uma cópula flexionada que o siga, como em (131c), ou ainda pela cópula elidida, como em (131d):

- (131) a. * Que_i o Pedro disse que a Maria encontrou t_i ?
b. Que_i disse o Pedro que a Maria encontrou t_i ?
c. Que_i é que o Pedro disse que a Maria encontrou t_i ?

d. Que rapazes_i que o Pedro disse que a Maria encontrou t_i?²⁵

Quanto à análise de Ambar para o sintagma WH *por que*, o autor lembra que a própria autora faz menção aos julgamentos instáveis do sintagma WH *por que*, o qual pode ou não acionar V para Comp em contextos encaixados, de acordo com a intuição dos falantes (cf. 133b) e se comporta como os demais sintagmas WH em contextos matrizes, com V para Comp obrigatório (cf. 133c). Ela afirma que essa instabilidade se deve à forma [PP *por* [que cv]] que o sintagma possui.

Menuzzi coloca que, já que Ambar assume que *por que* tem a mesma estrutura dos outros sintagmas WH, ela poderia então prever que ele apresenta o mesmo padrão daqueles e não o mesmo de *que*. O autor afirma, assim, que é preciso estudar as ocorrências idiossincráticas de *por que*, e não os casos regulares.

Outra evidência que Menuzzi observa contra a análise de Ambar para as interrogativas WH matrizes do PE é que mesmo sentenças com sintagmas sem um N nulo “putativo” (132a) preferem V para Comp. Além disso, o autor mostra que sentenças como (132b) abaixo são bastante marginais:

(132) a. [Que presentes] *ofereceu* o Pedro à Maria?

b. ??[Que presentes] o Pedro *ofereceu* à Maria?²⁶

Como o sintagma *que presentes* de (132a) acima não apresenta uma cv interna, V para Comp em interrogativas matrizes do PE não pode ter sido acionado pelas condições de recuperabilidade de tal cv hipotética.

Os fatos mostrados até aqui confirmam em primeiro lugar a natureza idiossincrática do sintagma WH *que* do PE, o qual sempre aciona V para Comp tanto em contextos matrizes como encaixados. Além disso, também foi atestado que o sintagma *por que* aciona V para Comp (133b) em contextos encaixados de acordo com a intuição de alguns falantes. Por fim, diferente do que Ambar havia postulado, verificou-se que sintagmas

²⁵ Menuzzi (1993) chama a atenção para o fato de que neste exemplo, em que temos uma construção clivada, a cópula não concorda com o sintagma WH.

²⁶ O autor afirma que para que a sentença (132b) seja aceitável é preciso que ou o sintagma WH [que presentes] receba acento contrastivo, ou o sujeito o receba.

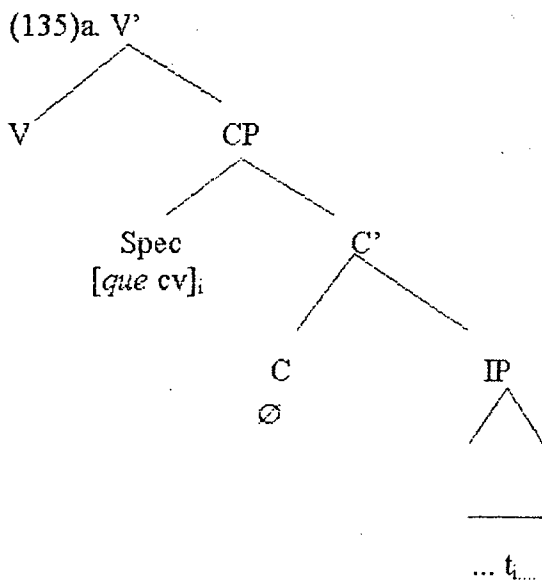
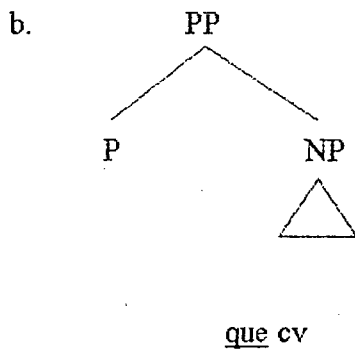
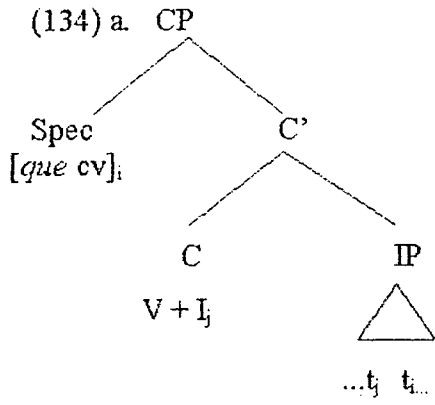
[WH + N] podem acionar V para Comp em contextos matrizes. O quadro abaixo ilustra o comportamento dos sintagmas WH do PE a partir da discussão precedente:

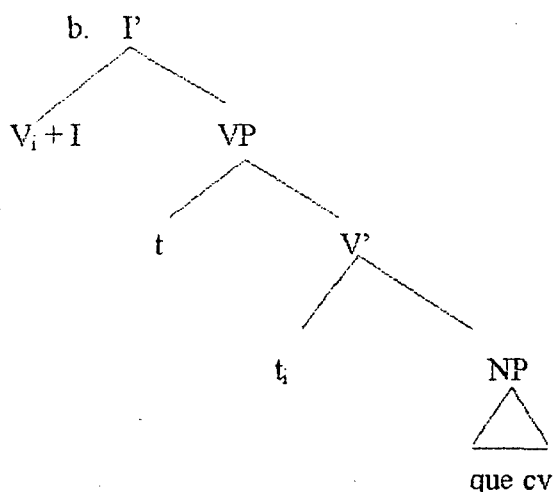
(133)²⁷

	V para Comp matriz	obrigatório em encaixada	WH <i>in situ</i> interrogat.
a. [NP que cv]	SIM	SIM	NÃO
b. [PP [por [NP [que cv]]]]	SIM	+ ou -	SIM
c. [PP P ⁰ [NP que cv]]	SIM	NÃO	SIM
d. quem , o que, quando, como, onde	SIM	NÃO	SIM
e. [...[WH N]...]	+ ou -	NÃO	SIM

A partir do quadro acima, Menuzzi discute o contraste entre os diversos tipos de sintagma WH. Para começar, diferencia (133a) de (133 d,e) pela presença de uma cv e de (133 b-c) porque estes últimos contêm material lexical adicional. O autor afirma também que o comportamento idiossincrático de (133a) pode dever-se às condições de licenciamento de sua cv interna. Entretanto, quaisquer que sejam tais condições, devem ser de natureza formal e não têm relação nenhuma com recuperabilidade de conteúdo. Além disso, devem também licenciar configurações como (134a-b) abaixo e excluir (135a-b):

²⁷ Menuzzi (1993, p. 96)





Menuzzi afirma que a condição relevante pode ser o ECP, como Ambar sugeriu, e que a *cv* em (133a) seja um vestígio, pois a parte que trata de regência de núcleo no ECP é uma “condição formal sobre vestígios” e, portanto, importante para a explanação sobre o comportamento idiossincrático de (133a).

O autor considera o sintagma WH *o que*, cuja distribuição é a de um NP com um determinante explícito (o artigo) e a posição N' saturada por *que*, estrutura evidenciada pela comparação entre **o que objeto* com *que objeto*.

A ocorrência de *que* em distribuição complementar com determinantes indica que ele é X⁰ e não um sintagma. A estrutura interna de *o que* está esboçada em (136). Se esta representação está certa, então (137) representa a estrutura interna de sintagmas como (133a), onde *que* passa por movimento de núcleo de N para D e o vestígio (t_i) está sujeito ao ECP:

(136) [NP [Det o] [N'...[N⁰ que]...]]

(137) [NP [Det que_i] [N'...[N⁰ t_i]...]]

Quanto ao sintagma WH *por que*, Menuzzi argumenta que pode ocorrer de alguns falantes o analisarem como um X⁰, dado que seus homófonos em português *standard* *porquê* e *porque* ocorrem em posição X⁰. Se isto está correto, a estrutura de (133b),

representada em (138a) ou (138b) abaixo, é semelhante à de (133a) para alguns falantes e o N nulo estaria sujeito às mesmas restrições em (133a-b):

- (138) a. [NP [Det porque_i] [N'...[N⁰ t_i]...]]
b. [PP [P⁰ porque_i] [NP [Det t_i] [N'...[N⁰ t_i]...]]]

Entretanto, uma vez que a regência por INFL licencia configurações como (134a) acima, *por que* pode estar *in situ*, pois ele é um “ adjunto sentencial”, portanto, é regido por INFL quando está *in situ*. Contudo, se for movido para Spec de CP, aciona V para Comp, pois não é mais regido por INFL.

Já os sintagmas de (133e) não acionam V para Comp quando recebem “acento contrastivo” (139a) ou quando o sujeito o recebe (139b) (cf. nota 25). Em contrapartida, os sintagmas de (133d) requerem V para Comp mesmo que o sujeito esteja acentuado contrastivamente, como mostra (139c):

- (139) a. [Que PRESENTES] o Pedro ofereceu à Maria?
b. [Que presentes] o PEDRO ofereceu à Maria?
c. O que PEDRO ofereceu à Maria?

Menuzzi conclui que os sintagmas de (133e) acionam V para Comp quando estão em Spec de CP, mas não acionam quando são acentuados ou o sujeito o é. Já os sintagmas de (133d) sempre acionam V para Comp porque justamente devem estar em Spec de CP. Segundo o autor, é o mesmo que assumir, nos termos de Rizzi, que o Critério WH é ativado no nível CP.

Além disso, o autor demonstra que em (133a-b) V para Comp em interrogativas encaixadas é acionado devido a propriedades idiossincráticas de (133a) e de (133b) – (neste último caso, somente por alguns falantes)

Segundo Menuzzi, se as considerações feitas até aqui estão corretas, é possível postular que o PE apresenta quase o mesmo padrão do inglês para interrogativas WH, isto

é, V2 residual²⁸, com a ressalva de que em PE também temos WH *in situ*. O autor conclui também que o PE e o PB apresentam as mesmas estratégias quanto às interrogativas WH, com a diferença de que no PE o movimento WH aciona V para Comp.

Menuzzi propõe discutir o paradigma do PE e a variação paramétrica entre esta língua e o PB a partir do Critério WH de Rizzi. Para tanto, recupera o seguinte quadro deste autor e acrescenta a ele o PE e o PB:

(140)

	Mov-WH na ES em Int. matriz	Int. Encaixada	V (INFL) para Comp em ES em Int-WH matriz
a. Inglês	obrigatório	obrigatório	obrigatório
b. PE	opcional	obrigatório	obrigatório
c. PB/Francês	opcional	obrigatório	opcional
d. Chinês/Japonês	Não	Não	Não

Menuzzi enumera, então, os parâmetros de variação lingüística a partir do quadro de Rizzi acima:

- (141) a. O nível no qual o Critério WH se aplica: já na ES, ou apenas na FL;
 b. As fontes de [+WH] para C⁰ matriz na língua: INFL_[+WH] e/ou Concordância Dinâmica;
 c. o nível no qual a Concordância Dinâmica²⁹ se aplica: tanto na ES quanto na FL, ou apenas na FL.

(140) mostra que interrogativas WH exigem movimento WH em inglês, PE, PB e Francês. Isso revela que o Critério WH se aplica já na ES dessas línguas.

²⁸ "Manifestações de INFL para C em construções específicas em uma língua que não generaliza a ordem V2 para as sentenças declarativas principais" (Rizzi, 1991 - citado por Menuzzi (1993)).

²⁹ Quando C⁰ adquire [+WH] por entrar em concordância Spec-Núcleo com um operador WH, tem-se Concordância Dinâmica. Este dispositivo foi introduzido por Rizzi para explicar como o Critério WH se aplica em Francês se nesta língua o movimento WH não exige V para Comp.

Menuzzi afirma que, sob a perspectiva de Rizzi, a variação paramétrica entre o PE e o PB em relação à V(INFL) para Comp é a mesma que existe entre o inglês e o Francês. O PB e o Francês exibem Concordância Dinâmica na ES, pois C⁰ matriz entra em concordância com um operador WH em Spec de CP para adquirir o traço [+WH].

Por outro lado, quando INFL é gerado na base com a especificação [+WH], INFL para Comp é acionado para atribuir o traço [+WH] a C⁰. Isto é o que ocorre em PE e inglês, que não possuem Concordância Dinâmica na ES.

Além disso, Menuzzi postula a existência de uma variação paramétrica entre o PE e o inglês, na qual o primeiro exibe, ainda, Concordância Dinâmica na FL.

2.3.2. Mioto (1994)

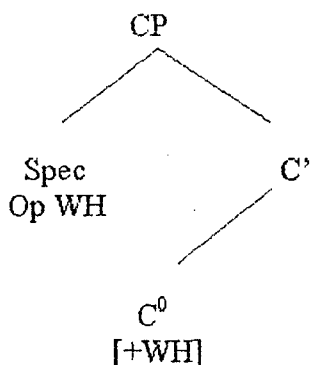
Mioto (1994) observa que línguas como o alemão, o inglês, o espanhol, o italiano, português europeu e outras apresentam a inversão Verbo-Sujeito obrigatória para interrogativas WH matrizes:

- (142) a .Was hat Maria gesagt? (Alemão)
(O que Maria disse?)
b .What has Mary said? (Inglês)
(O que Maria disse?)
c .Qué dijo Maria? (Espanhol)
(O que disse Maria?)
d .Che cosa há detto Maria? (Italiano)
(Que coisa Maria disse?)
e .O que disse Maria? (Português Europeu)

O autor afirma que o Português Brasileiro (PB) possui fatos empíricos que se opõem aos dados acima. Para explicar o fenômeno de inversão Verbo-Sujeito nas línguas acima citadas, Mioto retoma o Critério WH proposto por Rizzi (1991).

A relação Spec-Núcleo explica a adjacência entre a expressão interrogativa (ou expressão WH) e o verbo finito. A primeira tem que ser um operador e estar em Spec de CP e o segundo tem que conter o traço +WH e estar em C⁰ :

(143) Rizzi (1991):



A expressão WH (*que, o que, quem, quando, onde*) se definirá como operador por estar em posição de escopo, isto é, na posição A' Spec de CP. Além disso, o que define o verbo finito como um núcleo +WH é o traço +WH presente na flexão de sentenças interrogativas das línguas acima citadas. Esse traço +WH aparece em algumas línguas, segundo Rizzi, sem manifestação morfológica.

Segundo Mioto, quando se postula um dado princípio gramatical dentro de Teoria Gerativa para determinadas línguas, todas as demais devem submeter-se a ele, uma vez que o que se pretende com essa teoria é a construção de uma gramática universal.

Entretanto, o autor observa também que o PB aparentemente não se submete a pelo menos um desses princípios, o Critério WH, uma vez que apresenta estratégias diferentes das demais línguas para as interrogativas WH.

Em primeiro lugar, a ordem Verbo-Sujeito encontrada em tais interrogativas de outras línguas não é usual no PB e, na maioria dos casos, inclusive, é proibida. Observe a agramaticalidade das sentenças (144b, c), onde se observa a inversão Verbo - Sujeito:

- (144) a . [CP O que [IP a Maria tinha visto?]]
 b . *[CP O que [IP tinha a Maria visto?]]
 c . *[CP O que [IP tinha visto a Maria?]]

Em segundo lugar, diferentemente de algumas outras línguas românicas, o PB apresenta construções interrogativas com expressões WH *in situ*:

- (145) a. [CP [IP A Maria tinha visto o quê?]]
b. * [CP [IP Maria dijo qué?]]

A interrogativa (145b) é mal formada porque seu operador WH (*qué*) não se encontra em configuração Spec-Núcleo, já que nem a expressão WH e nem o núcleo +WH estão em CP. Ocorre que se (145b) do Espanhol é agramatical com a expressão WH *in situ*, então a interrogativa (145a) do PB também teria que ser, o que não acontece.

Um terceiro fato encontrado no PB e pouco comum nas demais línguas românicas é o fenômeno chamado Comp Duplamente Preenchido:

- (146) [CP O que_i que [IP o João viu t_i?]]

Paralelamente a essas construções, existem outras, tais como:

- (147) a. O que é que o João viu?
b. O que que é que o João viu?

Como se pode observar a partir dos dados acima relacionados, o PB apresenta estratégias diferentes das demais línguas no que se refere às sentenças interrogativas. Mioto propõe, entretanto, que o PB não viola o Critério WH no que concerne às sentenças interrogativas. Para tanto, analisa as sentenças de (148) abaixo:

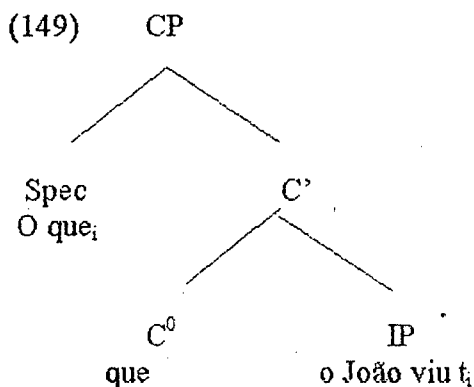
- (148) a. [CP [IP O João tinha visto o quê?]]
b. [CP O que [IP o João tinha visto t?]]

Partindo de Rizzi (1991), o autor afirma que interrogativas como (144a) e (148b) não violam o Critério WH, uma vez que o PB pertence ao conjunto de línguas que possuem

Concordância Dinâmica. Isso significa dizer que o operador WH de certas línguas atribui o traço +WH ao núcleo C° de CP por entrarem em relação de concordância um com o outro. Desta forma, o Critério WH é satisfeito em PB no nível da ES, como em (148b).

Quanto ao exemplo (148a) acima, no qual o elemento WH permanece *in situ*, Mioto responde, seguindo Rizzi, que, neste caso, a expressão WH não se caracteriza como operador³⁰ e por isso não precisa estar em configuração Spec-Núcleo com um núcleo +WH. O Critério WH, então, não é violado. Entretanto, é preciso saber até que ponto tais explicações se caracterizam como *ad hoc*; ou seja, como os fatos do PB (por exemplo, as sentenças clivadas) podem corroborar essas explicações.

No que concerne à questão de Comp Duplamente preenchido, Mioto postula que interrogativas como (146) acima não violam o Critério WH, uma vez que o segundo *que* desta sentença ocupa o núcleo C° que se encontra vazio em PB, já que o verbo finito não sobe para esta posição. Estando em C°, *que* dota este núcleo com o traço +WH.³¹ Então, será necessário um operador WH, ou seja, a expressão WH O *que* de (146), ser deslocado para Spec de CP. O Critério WH é, portanto, satisfeito em PB, como se pode observar na representação abaixo:



Segundo Mioto, para que (149) se sustente é preciso assumir que (146) não é a abreviação de (147a). Essa diferença se baseia no fato de (146) ser uma pergunta neutra, ao passo que (147a) se caracteriza por ser uma pergunta clivada. A partir disso, o autor analisa o paradigma abaixo:

³⁰ Um elemento WH que está *in situ* não se qualifica como operador, pois para tanto deve estar em posição A' Spec de CP. Cf. discussão na seção 2.1.2 deste capítulo.

³¹ É preciso assumir que *que*, normalmente complementizador declarativo, pode portar o traço [+WH].

- (150) a. [_{CP} O que_i que [_{IP} o João viu t_j?]]
 b. *[_{CP} Que [_{IP} o João viu o quê?]]
 c. *[_{CP} O que_i que viu_j [_{IP} o João t_j t_i?]]
 d. *[_{CP} Que viu_j [_{IP} o João t_j o quê?]]

Assim, (150a) é gramatical pois a configuração Spec-Núcleo envolvendo o operador WH *o que* e o núcleo *que*, marcado com o traço [+WH], se verifica. (150b) é agramatical porque viola o Critério WH no sentido de que não existe operador WH para o núcleo [+WH] *que*. E, por fim, (150c-d) são agramaticais porque C⁰ já está preenchida por *que*, não havendo, desta forma, posição nuclear para alojar o verbo flexionado *viu*.

Para demonstrar que Comp duplamente preenchido em encaixadas se comporta da mesma maneira que nas matrizes, Miotto observa os seguintes dados:

- (151) a. * Maria perguntou [_{CP} que [_{IP} o João viu o quê]]
 b. * Maria perguntou [_{CP} Que viu_j [_{IP} o João t_j o quê]]
 c. * Maria perguntou [_{CP} O que_i que viu_j [_{IP} o João t_j t_i]]
 d. Maria perguntou [_{CP} O que_i que [_{IP} o João viu t_j]]

A expressão WH das sentenças de (151a, b) não pode permanecer *in situ*, pois o verbo *perguntar* seleciona um C⁰ [+WH]. Comparando (151d) acima com sentenças interrogativas encaixadas como [*Maria perguntou o que João viu.*], o autor assume que elas apresentam o mesmo julgamento de gramaticalidade.

Além disso, a sentença encaixada [*Maria perguntou o que João viu.*] apresenta C⁰ vazio, enquanto que em (151d) é preenchido pelo complementizador *que*. Por isso (151b, c) são agramaticais, pois não há núcleo disponível para o verbo *viu*.

A sentença (151d) é uma prova de que sentenças com Comp duplamente preenchido do PB se submetem ao Critério WH, já que a configuração Spec-Núcleo (operador *O que* + núcleo *que*) é verificada.

2.3.3. Mioto & Figueiredo Silva (1995) e Mioto (1997)

Em PB (Mioto, 1997) existem construções interrogativas que apresentam as formas *WH que / WH é que*. Com a introdução da categoria funcional CP por Chomsky (1986)³², duas posições foram criadas automaticamente: Spec de CP e C⁰. A partir disso, tornou-se possível explicar sentenças com Comp duplamente preenchido:

(152)[_{CP} O que_i que [_{IP} Pedro viu t_i?]] (PB)

Para isso, entretanto, é preciso mostrar, segundo Mioto (1994), que (152) não é a abreviação de (153):

(153) O que é que Pedro viu? (PE e PB)

Conforme Mioto & Figueiredo Silva (1995), existem duas hipóteses para a presença ou a ausência da cópula em interrogativas WH do PB que apresentam os constituintes *WH que* e *WH é que*. A primeira, a hipótese da equivalência (doravante HE), admite que não há diferenças entre essas duas estruturas.

Já a segunda hipótese, a da não equivalência (HNE), postula que interrogativas WH como (152) são estruturalmente diferentes de interrogativas WH como (153), uma vez que essa hipótese não entende (152) como o resultado do apagamento da cópula da (153). Os autores apresentam a discussão acerca das referidas hipóteses tendo em vista considerações de caráter fonológico, semântico-pragmático e sintático.

Do ponto de vista fonológico, a hipótese da equivalência precisa de um tipo de regra fonológica que trate da opcionalidade da cópula, já que a forma fonética (FF) atua sobre uma só estrutura S (ES) para ambas as sentenças (152) e (153). Entretanto, esse apagamento opcional da cópula traz alguns problemas.

Mioto (1997) argumenta que, apesar de existir uma teoria³³ que considere o verbo *ser* vazio de conteúdo semântico, isto não constitui motivo suficiente para esvaziá-lo também de conteúdo fonético. Ademais, a cópula *ser* é um monossílabo tônico

³² Citado por Mioto (1997).

fonologicamente consistente e por isso mesmo não sujeito a processos de apagamento. Logo, se ocorresse algum tipo de mudança na forma *o que é que*, teríamos algo como *o quié que* ou *o qué que*.

Uma outra questão é colocada quanto à gramaticalidade de (152), já que esta interrogativa é boa em PB, mas não em PE. Seria preciso supor, então, que a regra de apagamento da cópula é válida para o PB, mas não para o PE.

Mioto & Figueiredo Silva (1995) observam que em alguns contextos, *é* e *foi* se alternam. Sendo assim, se se postula uma regra de apagamento para *é*, esta tem que funcionar igualmente para *foi*:

- (154) a. Quem *é* que inventou o pecado?
- b. Quem *foi* que inventou o pecado?
- c. Quem *que* inventou o pecado?

Quanto às considerações de caráter semântico-pragmático, a HE agrupa as sentenças de (154) acima diferenciando-as de (155) abaixo:

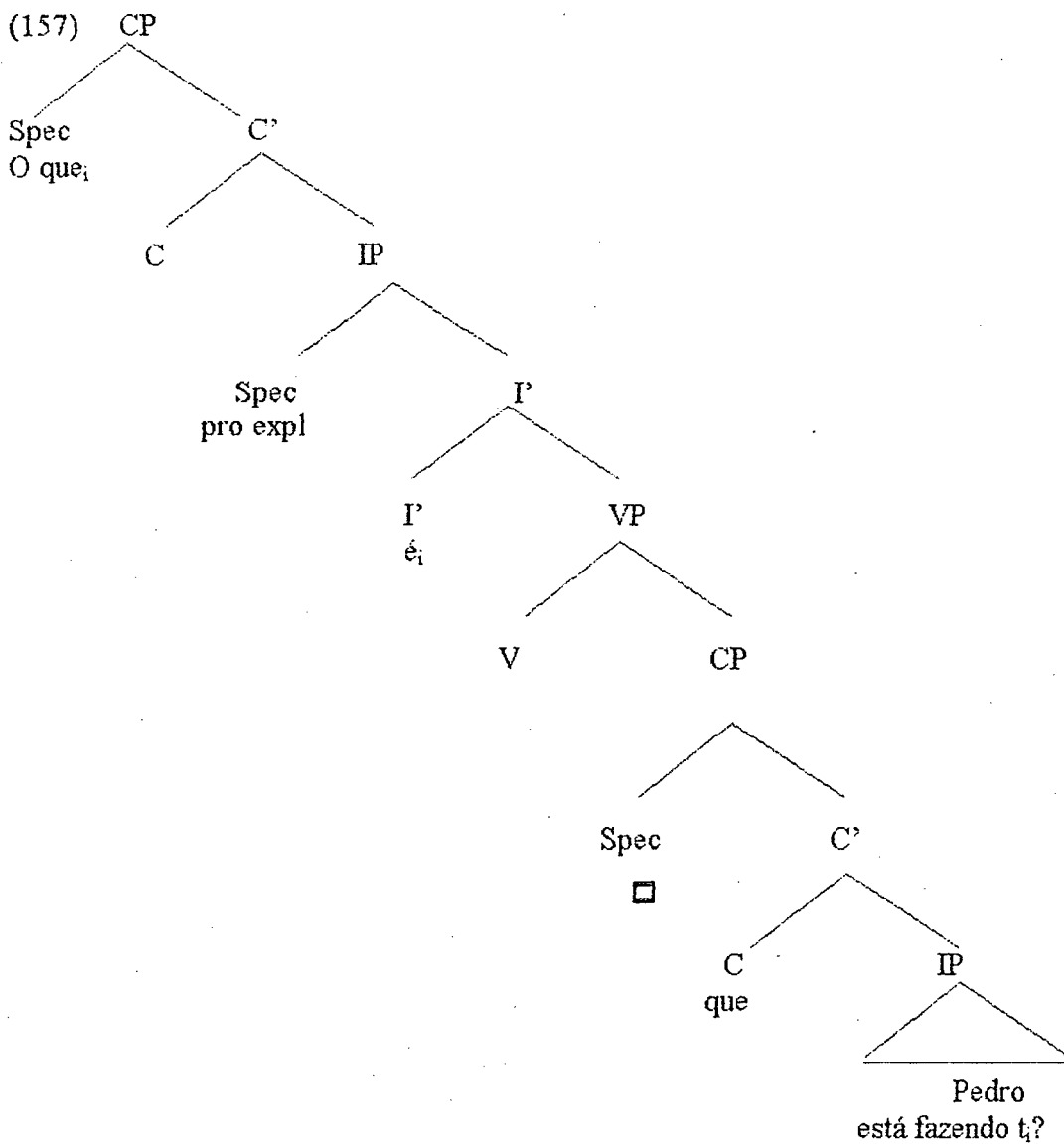
- (155) Quem inventou o pecado?

Mioto & Figueiredo Silva propõem que essa diferença pode ser explicitada a partir de um paralelo com sentenças declarativas classificadas como clivadas por apresentarem o constituinte *é que*. Desta forma, (154a-b) seriam interrogativas clivadas e (155), não clivada. Os autores se perguntam, porém, como explicar, dentro da HE, que (154a-b) sejam clivadas enquanto (154c) não passa de uma interrogativa comum. E, também, como sustentar que (154c) equivale a (155) uma vez que há pelo menos diferenças sintáticas.

Para as considerações de caráter sintático, os autores admitem a ES (157) para a interrogativa (156) abaixo:

- (156) O *que é* que Pedro está fazendo?

³³ Martin (1977), citado por Mioto (1997).



Essa representação evidencia o caráter inacusativo do verbo *ser*, que subcategoriza como complemento um CP que tem como uma de suas propriedades semânticas o fato de ser [+cleft]. Elementos clivados, então, podem ser alojados no Spec □.

A HE admite (157) para representar (152), o que implica no apagamento da cópula. Porém, essa hipótese enfrenta problemas para explicar como isso é possível, uma vez que esse tipo de processo não é usual em PB; ou seja, em outros contextos de clivagem, o apagamento da cópula resulta em sentença agramatical:

- (158) a. O que eu quero de você é um beijo.
b. *O que eu quero de você um beijo.

Além disso, a HE apresenta problemas para explicar por que a cópula não pode aparecer em sentenças como (159) abaixo:

- (159) a. Vai *que* dá certo essa história..
b. *Vai *é que* dá certo essa história..

Os autores observam ainda que sentenças onde ocorre mais de uma vez *é / era / foi que* podem trazer certas restrições de aceitabilidade, como em (160) abaixo:

- (160) ?O que é que foi que você viu nesse cara?

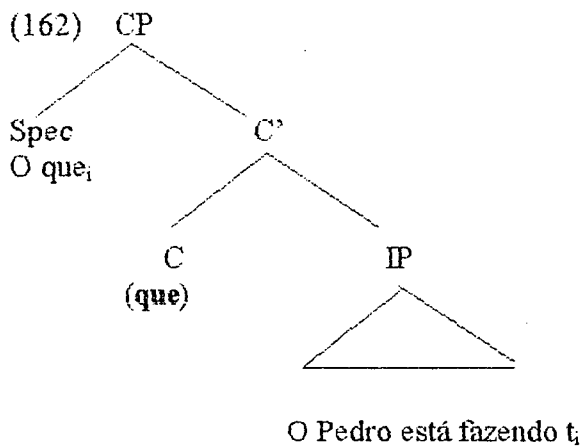
Outro fato observado também é que, mesmo que se considere a combinação acima gramatical, não é possível *foi que* anteceder *é que*:

- (161)*O que foi que é que você viu nesse cara?

Por outro lado, a HNE, segundo Mioto & Figueiredo Silva, não apresenta problemas quanto ao caráter fonológico, uma vez que não entende (152) como a abreviação de (153). Assim, cada uma dessas sentenças surge da Forma Fonética (FF) que interpreta duas ES distintas.

Quanto ao caráter semântico-pragmático, Mioto (1997) argumenta que as sentenças (152) e (153) são sinônimas, apesar de estruturalmente diferentes.

No que concerne ao caráter sintático, a HNE elegerá a representação sintática (162) como adequada à interrogativa (156) acima:



A partir dessa representação, supõe-se que **que** pode preencher opcionalmente o núcleo C. Ocorrendo isso, ele lexicaliza o traço [+WH] presente em C. Desta forma, a configuração Spec-Núcleo, que envolve o operador *o que* e o núcleo **que**, é verificada e o Critério WH é satisfeito. O fato de se admitir que **que** ocupa C e *o que* Spec de CP auxilia na explicação de fenômenos como (163) abaixo, isto é, não é possível romper a adjacência entre Spec e o núcleo de CP. Veja o resultado com a interposição de um advérbio como *afinal*:

- (163) a. **O que* *afinal* **que** Pedro viu?
 b. *O que* *afinal* é **que** Pedro viu?
 c. *O que* é *afinal* **que** Pedro viu?

Segundo a HE, (163a) deveria ser possível, já que possui várias projeções máximas para adjungir o advérbio *afinal*. Já a HNE explica a agramaticalidade de (163a) postulando que **que** se situa C⁰ e *o que* em Spec de CP (configuração Spec-Núcleo), não havendo, assim, uma posição intermediária para alojar o advérbio *afinal*, o que não ocorre em (163b-c), nas quais a estrutura clivada das sentenças permite alojar o advérbio.

Mioto (1997), argumentando em favor da HNE, mostra que nem sempre é possível substituir *WH que* por *WH é que* e vice-versa. Veja os exemplos abaixo:

- (164) a. *O que é que é que você está fazendo?³⁴
b. O que que é que você está fazendo?
c. *O que que que você está fazendo?
d. *O que é que que você está fazendo?

Mioto (1997) observa que (164b) é gramatical porque é a única sentença em que não há duplicação nem de *é que* (164a) nem de *que* (164c) e afirma ainda que se *WH que* equivalêsse a *WH é que* o mesmo padrão deveria ser válido para as três outras sentenças.

³⁴ Na descrição das interrogativas, no capítulo 1, vimos que sentenças como (164a) são aceitáveis, embora enfáticas. Cf. os exemplos de (40).

CAPÍTULO 3

DISCUSSÃO DOS DADOS

1. Introdução

Este capítulo tem por objetivo discutir algumas questões sobre as interrogativas WH e Y/N. Dos fenômenos apresentados até aqui acerca das interrogativas WH do PB, discutiremos a questão das ordens VS / SV, o fenômeno WH *in situ* e a inserção do expletivo *é que* nestas estruturas. Tal análise terá como base os textos resenhados no capítulo anterior. Além destes, utilizaremos também outros textos que tratam destas questões. Quanto às interrogativas Y/N, analisaremos o tipo de resposta que recebem com base na descrição do capítulo 1 e nos trabalhos de Kato & Tarallo (1994) e De Oliveira (1996).

2. Interrogativas WH

Nesta seção serão analisados os fatos que julgamos mais relevantes acerca das interrogativas WH do PB. O primeiro deles é que, nestas estruturas, o PB apresenta a ordem SV ao invés de apresentar a ordem VS, comum na maioria das línguas. Para discutir esta questão retomaremos as propostas de Torrego (1984) para o espanhol e de Âmbar (1987) para o PE para demonstrar, como Menuzzi (1992) mostra para o PE, que tais línguas podem ser analisadas a partir do Critério WH de Rizzi (1991).

Assumiremos, de acordo com Mioto (1994), que o PB também está submetido ao Critério WH, apesar de apresentar a ordem SV como estratégia mais comum para as interrogativas WH.

Para discutir as sentenças que apresentam a ordem VS em PB, abordaremos os trabalhos de Duarte (1992) e Sikansi (1994), que assumem a análise de Kato (1993) para explicar este fenômeno em PB.

Outro fenômeno importante encontrado em PB são as interrogativas que apresentam a inserção de *é que/que*. Discutiremos esta questão com base nas resenhas de Mioto &

Figueiredo Silva (1995) e Mioto (1997) e nos estudos de Kato & Raposo (1994) e Lopes-Rossi (1996). Adotaremos a proposta da não equivalência entre *WH que* e *WH é que*, defendida por Mioto (1997).

2.1. Sobre a Inversão

No capítulo 1 vimos que o alemão e o inglês apresentam a ordem VS em suas interrogativas WH matrizes. Da mesma forma que essas duas línguas, o espanhol (Torrego (1984)) e o PE (Ambar (1987)) também podem apresentar a ordem VS para as interrogativas WH matrizes.

Torrego (1984) atribui a ordem VS obrigatória nas interrogativas WH matrizes e encaixadas do espanhol ao deslocamento de um dos argumentos temáticos do verbo para Spec de CP e o movimento do verbo para C, que ela trata como “V-Preposing”.

Por outro lado, Ambar (1987) faz notar que a generalização proposta por Torrego para o espanhol não dá conta dos fatos do PE, pois a inversão obrigatória nesta língua ocorre independentemente de o elemento WH ser ou não argumento temático do verbo. Em PE, a inversão é obrigatória para as interrogativas WH matrizes, mas só ocorre em interrogativas WH encaixadas quando estas apresentam os sintagmas *WH que* ou *por que*, enquanto no espanhol existe simetria entre interrogativas WH matrizes e encaixadas.

Além disso, quando o elemento WH aparece acompanhado de um N foneticamente realizado em PE, a ordem VS torna-se facultativa. Ambar postula então a existência de um N sem realização fonética junto ao sintagma *WH que* em sentenças onde a ordem VS é obrigatória. Esse N é uma categoria vazia (*cv*) cujas condições mínimas de licenciamento e recuperabilidade é que desencadeiam VS obrigatória, porque o sintagma WH não é um regente lexical e a *cv* adjungida a ele precisa procurar seu regente no verbo flexionado em C na configuração V em C. Mais adiante mostraremos que Menuzzi (1993) considera equivocada a abordagem de Ambar para o PE.

Rizzi (1991) mostra que o inglês é uma língua V2 Residual porque tem movimento de I para C nas interrogativas WH matrizes, desencadeando, assim, a ordem VS, mas não generaliza esta regra para as sentenças declarativas principais. Rizzi postula que este

movimento de I para C ocorre para satisfazer o Critério WH, uma condição de boa formação das sentenças WH, como vimos no capítulo 2.

Como o Critério WH é um princípio gramatical dentro de Teoria Gerativa, todas as línguas, tais como o inglês, o alemão, o espanhol e o PE, devem submeter-se a ele, já que o que se pretende com essa teoria é a construção de uma gramática universal. Era de se esperar, portanto, que o PB também apresentasse movimento I para C nas interrogativas WH a fim de satisfazer o Critério WH. No entanto, o PB aparentemente não se submete ao Critério WH, uma vez que apresenta estratégias diferentes das demais línguas para as interrogativas WH.

Mioto (1994) argumenta que o PB não mostra a ordem VS para as interrogativas WH mas satisfaz o Critério WH. De acordo com Mioto, as interrogativas WH do PB com a ordem SV não violam o Critério WH, porque esta língua pertence ao conjunto das línguas que possuem *Concordância Dinâmica*, segundo a qual o operador WH de certas línguas atribui o traço +WH ao núcleo C^o de CP por entrarem em relação de concordância um com o outro.

Mioto (1994) postula também que interrogativas que apresentam “Comp Duplamente Preenchido” não violam o Critério WH porque o complementizador (*que*) ocupa o núcleo C^o que se encontra vazio em PB, já que nesta língua o verbo finito não sobe para esta posição. Estando em C^o, *que* pode materializar neste núcleo o traço +WH.³⁵ O elemento WH ocupa Spec de CP e funciona como operador WH. O critério WH é, portanto, satisfeito, pois há a configuração Spec-Núcleo entre esses elementos em CP.

Retornando à discussão acerca do PE, Menuzzi (1993) considera inadequada a proposta de Ambar para esta língua. O autor afirma que, assim como o inglês, o PE é uma língua V2 Residual, mas que, diferente da primeira, apresenta WH *in situ*. Como uma língua V2 Residual, o PE satisfaz o Critério WH nas interrogativas onde o movimento WH aciona V-para-C nos mesmos termos que Rizzi propôs para o inglês. V-para-C obrigatório é acionado em PE em interrogativas matrizes que não apresentem o sintagma [WH + N] e nas encaixadas com o elemento WH *que*. Nas interrogativas matrizes com [WH + N] e nas encaixadas com os demais elementos WH, V-para-C passa a ser opcional. Resumindo, o

³⁵ Novamente, aqui vale lembrar que *que* é um complementizador de sentenças declarativas, não comprometido, pois, com sentenças interrogativas. É surpreendente, então, que ele materialize o traço +WH.

PE apresenta uma certa assimetria entre interrogativas matrizes e encaixadas. Nas matrizes a inversão será obrigatória sempre que o elemento WH for de tipo não D-linked (nos termos de Pesetsky, 1987). Nas encaixadas a inversão é optativa sempre que o elemento WH da sentença não for *que*, o qual aciona V-para-C em matrizes e em encaixadas. Isso comprova, como Menuzzi observou, o comportamento idiossincrático do sintagma WH *que*.

A pergunta que surge, então, com relação aos casos em que o PE não aciona V-para-C, é de que maneira esta língua satisfaz o Critério WH. Uma possibilidade seria através de Concordância Dinâmica. No entanto, teríamos que resolver o problema de como a gramática decidiria em que circunstâncias usá-la, já que em alguns casos (os WH simples) a inversão é obrigatória. Assumiremos então, com Menuzzi (1992), que as interrogativas matrizes do PE que não comportam V-para-C são, na verdade, expressão de estruturas topicalizadas ou focalizadas, ainda que reste a explicar por que os WH simples (*quem*, *o que*) não podem entrar nessas estruturas.

Nas interrogativas encaixadas, o núcleo de CP possui o traço +WH, porque é selecionado pelo verbo matriz com esta especificação. Em PB e nas outras línguas examinadas por Rizzi, é impossível a inversão nas encaixadas. Portanto, de fato, particular é o comportamento de *que* do PE, desencadeando a inversão neste contexto. Somos obrigados aqui a dizer que é o caráter clítico de *que* que faz com que o verbo se mova para C, não a necessidade de satisfação do Critério WH.

Para o PB, Menuzzi assume a Concordância Dinâmica como recurso para satisfazer o Critério WH. O autor considera possível, ainda, a inversão Sujeito-Auxiliar em PB que, embora marcada em interrogativas, é inaceitável em declarativas (167b-c); na verdade, esses casos colocam problemas para o sistema de Rizzi (exemplos (35) a (37) de Menuzzi (1993)):

- (165) a. Onde o Paulo *tinha* ido ontem?
b. ?Onde *tinha* o Paulo ido ontem?

- (166)a. O Paulo *tinha* saído ontem?
b. ?*Tinha* o Paulo saído ontem?

- (167) a. O Paulo *tinha* saído ontem
 b. **Tinha* o Paulo saído ontem
 c. *Ontem *tinha* o Paulo saído

Menuzzi acredita que o contraste entre (165a) e (166b) e entre (167b-c) ratificam a inversão Sujeito-Auxiliar em PB, o que equivale a dizer, nos termos de Rizzi, que o conteúdo de INFL em interrogativas é [+WH]. Assim, espera-se que sempre que houver a inversão Sujeito-Auxiliar em PB, o movimento WH deverá ser acionado também, como em (168c), já que o critério WH se aplica na SS nesta língua. O autor nota, porém, que isso não é verdade, pois em PB é possível a ordem Auxiliar-Sujeito e WH *in situ* em uma mesma sentença, como (168d) abaixo:

- (168) a. O Paulo *teria* feito *o que* numa situação destas?
 b. *O que* o Paulo *teria* feito numa situação destas?
 c. *O que* *teria* o Paulo feito numa situação destas?
 d. *Teria* o Paulo feito *o que* numa situação destas?

Uma possível explicação para (168d) dentro da abordagem de Rizzi, segundo Menuzzi, seria assumir que este não é um caso de INFL para C, apesar de a inversão, ainda que marginal de (165b) e (166b), apontar para o caráter V2 Residual do PB. Todavia, não parece haver evidências conclusivas de que INFL está em C⁰; não há testes que funcionem em PB (170) para mostrar que INFL se encontra em um ponto mais alto que IP, como há em inglês (169):

- (169) a. What *would* Paulo *probably* have said in such situation?
 /o que *teria* Paulo provavelmente ter dito em tal situação/
 b. * What *probably would* Paulo have said in such situation?

- (170) a. *O que* *teria* o Paulo provavelmente feito numa situação destas?
 b. *O que* provavelmente *teria* o Paulo feito numa situação destas?

Além disso, segundo Menuzzi, o PB aceita a inversão Sujeito-Auxiliar mesmo quando C⁰ exibe preenchimento manifesto, o que mostra que esta língua não se comporta como outras línguas V2 Residual:

(171) a. Paulo perguntou o que teria o Paulo feito numa situação dessas.

b. Paulo perguntou se teria o Paulo feito isso numa situação dessas.

No que diz respeito ao problema que Menuzzi levanta, entendemos que na verdade ele pode não existir, uma vez que os dados que trazem inversão Sujeito-Auxiliar inventariados pelo autor trazem problemas de aceitabilidade em PB, como vimos nos exemplos (26) e (27)³⁶ da descrição dos dados no capítulo 1. Além disso, para muitos falantes do PB, os exemplos de (171) são marginais. Assim, se admitirmos que o PB não permite a inversão nestas construções, então esta língua não trará problemas para a abordagem de Rizzi, pois, pelo menos neste caso, não se trata do fenômeno V2 Residual.

A proposta de Rizzi não consegue fazer a distinção entre argumento e adjunto para explicar por que V-para-C somente ocorre em espanhol quando o elemento WH é argumento temático do verbo. Todavia, assumimos que esta língua satisfaz o Critério WH quando o movimento WH aciona V-para-C, da mesma forma que ocorre em inglês e PE. Por outro lado, quando o elemento WH é um adjunto e não aciona V-para-C, podemos assumir que o espanhol satisfaz o Critério WH através de Concordância Dinâmica, do mesmo modo que em PB. Resta explicar como este mecanismo faria a diferença entre argumentos e adjuntos para se aplicar somente em um dos casos.

Apesar de a ordem SV ser a estratégia usual para as interrogativas WH do PB, é possível encontrar a ordem VS em algumas interrogativas WH do PB, como foi descrito no capítulo 1, sem resistência dos falantes para aceitá-la. Para analisar este fenômeno, apresentaremos alguns estudos que abordam a questão da inversão VS em PB.

Em um estudo diacrônico sobre as interrogativas WH do PB, Duarte (1992) procura buscar os fatores que mais condicionaram a mudança da ordem VS para a ordem

³⁶ Os exemplos são:

(26) b. *O que *tinha* o João visto?

(27) b. *Você sabe o que *tinha* o João visto?

SV em PB. A autora notou, entre outras coisas, que esta mudança de ordem coincide com o aparecimento da seqüência expletivo *é que* (e suas formas variantes *que* e *foi que*).³⁷

Porém, na medida que a ordem SV vai se instalando no PB, o expletivo deixa de ser seu único fator condicionante. SV passa, então, a ser a ordem mais usada nas interrogativas do PB. A partir disso, Duarte tenta encontrar os contextos em que a ordem VS ainda aparece em PB. Consideremos alguns dados dos dois últimos períodos analisados por Duarte (1975 e 1989)³⁸:

- (172) a. Como que vai ser a reprodução da espécie?
b. E onde está o resto?
c. E como é que se comportam as pessoas civilizadas?
d. Como é que me acontece uma coisa dessas?
e. Onde que tá aquela desgraçada?
f. Onde que se enfiou o endemoniado?

Duarte nota que todas as palavras interrogativas nas sentenças de (172) são não-argumentais e apenas um dos argumentos, o sujeito, tem realização fonética através de um DP. A autora observa, ainda, que se este DP for substituído por um pronome, teremos a ordem SV, como mostra (173) abaixo:

- (173) a. Onde você está?
b. Aonde você vai?
c. Como ele era?

Duarte observa que desde que a ordem SV começou a ser usada, a incidência de sujeitos pronominais nas estruturas interrogativas tende a crescer. Entretanto, a autora adverte que não é possível afirmar que o sujeito representado por uma expressão-R em

³⁷ O corpus da pesquisa de Duarte (1992) foi extraído de peças teatrais escritas nos séculos XIX e XX.

³⁸ Para os dados de 1975 Duarte (1992) utilizou a peça de teatro "A Mulher Integral" de Carlos Novaes e para os dados de 1989, as novelas de TV "Tieta" e "Que Rei sou Eu".

(172) determinará sempre a ordem VS. Ela mostra, então, como ficam as sentenças com sujeito lexical de (172) com a ordem SV:

- (174) a. Como que a reprodução da espécie vai ser?
b. E onde o resto está?³⁹
c. E como é que as pessoas civilizadas se comportam?
d. Como é que uma coisa dessas me acontece?
e. Onde que aquela desgraçada tá?
f. Onde que o endemoniado se enfiou?

Duarte conclui que a ordem VS em PB é restrita a interrogativas que apresentam os verbos *ser*, *estar*, e os apresentativos. Estes últimos apresentam a ordem VS cristalizada nas sentenças declarativas. Este fato, segundo a autora, pode significar que não há inversão de fato em sentenças com tais verbos; ou seja, VS é antes o movimento do sujeito para a direita, não necessariamente do verbo para a esquerda. Além disso, sentenças com a ordem VS geralmente apresentam sujeito representado por uma expressão-R e, ainda, apenas este único argumento foneticamente realizado.

Duarte utiliza sua análise para apoiar a proposta de Kato (1987), que veremos mais adiante, segundo a qual a inversão no PB tem caráter estilístico. Além disso, os dados de Duarte apontam para o fato de que há uma correlação entre ordem SV e estilo informal e entre ordem VS e estilo formal.

Sikansi (1994) aponta como fatores lingüísticos responsáveis pela estruturação das sentenças interrogativas do corpus⁴⁰ de sua pesquisa o tipo de verbo, o tipo de sujeito e o tipo de elemento WH. Quanto ao tipo de verbo, a autora observou que verbos transitivos são inibidores de VS. Em contrapartida, verbos copulares, ergativos e intransitivos tendem a aparecer antes do sujeito. Quanto ao tipo de sujeito, os pronominais e os pronomes de tratamento quase todos aparecem com a ordem SV. Já as expressões-R favorecem a ordem

³⁹ A nosso ver, a sentença (174b) é agramatical.

⁴⁰ Sikansi (1994) utilizou para sua análise dados de língua escrita (peças de teatro, romance, narração, dissertação e carta, todos escritos depois de 1980) e dados da língua falada (programas de TV, dados de sala de aula e fala espontânea). Sikansi observa que no corpus da língua escrita a incidência de VS foi quase nula. Já no corpus da língua falada houve maior incidência de VS quando o tipo de sujeito era uma expressão-R. Contudo, a autora afirma ser a ordem SV a preferida nos dois tipos de corpus.

VS. A autora chama a atenção para o fato de que quanto maior a dimensão do sujeito⁴¹ maior a probabilidade de ocorrer a ordem VS.

No que concerne ao tipo de WH⁴², o sintagma WH *qual* aparece com a ordem VS, pois geralmente vem acompanhado de uma cópula. *Por que, quando, quanto, e onde* preferem a ordem SV, e *como* apresenta comportamento neutro. Os demais WH se mostraram inconstantes, segundo a autora.

Sikansi conclui que a ordem VS em PB é restrita e ocorre basicamente quando o verbo é uma cópula. Para explicar os demais casos de inversão do PB, a autora assume a proposta de *falsa inversão* de Kato (1993) e a proposta de Lopes-Rossi (1993)⁴³ para interrogativas com o expletivo *é que*, que permite tanto a ordem VS quanto a ordem SV. Voltaremos à proposta de Lopes-Rossi na seção 2.2.

Segundo Kato (1993), a ordem VS em interrogativas WH do PB é na verdade uma falsa inversão, pois não é o resultado do movimento do verbo, mas de deslocamento à direita com pronome correferente preenchido (175a) ou nulo (175b):

(175)a. O que *ele* bebe o João?

b. O que *pro* bebe o João?

Kato conclui, então, que a inversão em PB é uma regra estilística que se refere ao caráter facultativo de se escolher entre o preenchimento ou não do sujeito pronominal. Confirmando a proposta de Kato, Duarte e Sikansi concluem que a ordem VS em PB ocorre geralmente quando o sujeito é uma expressão-R.

Considerando que esta proposta de falsa inversão para o PB esteja correta, não parece possível, porém, explicar através desta análise a ordem VS em interrogativas com sujeito pronominal, como (176a) abaixo, que corresponde ao exemplo (A8a) do capítulo 1:

(176) a. Onde (pro) foram eles?

⁴¹ Sikansi (1994) verificou a dimensão do sujeito a partir da contagem do número de sílabas que o compunham, levando em conta as elisões que ocorrem na fala:

(i) O que deve a *sociedade tão privilegiada* fazer quanto a isso?

⁴² Para esta análise, Sikansi (1994) só considerou os WH que não eram sujeito da sentença.

⁴³ Citado por Sikansi (1994).

b. * Onde eles foram eles?

c. * Onde foi ele?

Repare que a sentença (175b) acima não parece ser o caso de deslocamento à direita com retomada pronominal, como sugere Kato, já que não é possível um pronome correferente preenchido entre o sintagma WH e o verbo. Note, entretanto, que a sentença torna-se agramatical se estiver no singular, como (176c), o que mostra que a gramaticalidade relativa de (176a) é dependente da marca de plural. Porém, o fato de existirem interrogativas VS com sujeito pronominal pode ser um indício de que está acontecendo algo mais nas sentenças interrogativas VS em PB além de uma regra estilística de preenchimento ou não do pronome correferente, como Kato sustenta.

Além disso, é possível notar intuitivamente que os exemplos de interrogativas com ordem VS de Kato trazem uma quebra do padrão entonacional. Repare também que esta quebra é mais sutil na sentença (176a) acima e torna-se ainda mais sutil (ou inexistente?) se incluirmos o expletivo *é que* (*Onde é que foram eles?*). O mesmo não ocorre em (175a), que evidencia a quebra mesmo com o expletivo (*Onde é que (ele) bebe o João?*). Isto pode nos levar a crer que sentenças como (175a) são estruturalmente diferentes de sentenças como (176a). Entretanto, esta quebra do padrão entonacional também é encontrada em sentenças afirmativas com ou sem pronome lexical, como (177) abaixo, o que denota que este não é uma questão restrita à construções interrogativas:

(177) a. Elas comeram muito chocolate, as crianças.

b. Comeram muito chocolate, as crianças.

Sabemos também que a quebra do padrão entonacional tem uma ligação com o deslocamento do sujeito à direita, embora não saibamos exatamente que tipo de relação existe entre ambos. Além disso, vimos anteriormente que Sikansi (1994) notou que sintagmas com grande dimensão preferem posição pós-verbal, isto é, preferem deslocamento à direita. Um reforço a isso é o exemplo (28c)⁴⁴ do capítulo 1 desta dissertação. Além disso, as três sentenças do exemplo (28) são com cópulas, o que

⁴⁴(28c) E a língua, como foi a comunicação com eles?

comprova mais uma vez, como notaram Duarte (1992) e Sikansi (1994), que a ordem VS em PB está reduzida a certos contextos, tais como interrogativas com verbos ergativos e copulares.

Mais uma vez, portanto, enfatizamos que a ordem VS em interrogativas WH do PB não tem as mesmas características que tem outras línguas como o PE, o inglês, o alemão e o espanhol. Assim, ela não pode ser considerada como contra-exemplo para o sistema de Rizzi (1991).

2.2. Sobre WH *in situ*

Nesta seção discutiremos o fenômeno WH *in situ*. Para tanto, retomamos as propostas de Pesetsky (1987) e de Mioto (1994), resenhadas no capítulo 2, e apresentamos a proposta de Lopes-Rossi (1996).

Segundo Pesetsky, existem dois tipos de WH *in situ*. O primeiro tipo, chamado de D-linked, não passa por movimento WH; esses sintagmas tomam escopo pelo mecanismo de ligação proposto por Baker (*unselective binding*) e não apresentam as propriedades características de movimento, como o Efeito de Superioridade (cf. exemplos (73a) e (74a)). O segundo tipo, não-D-linked, passa por movimento WH em LF; portanto, de acordo com a análise de Chomsky (1976, citado por Pesetsky (1987)), são quantificadores e exibem Efeito de Superioridade, ou, nos termos de Pesetsky, o NDE.

A partir da argumentação de Rizzi (1991), Mioto (1994) mostra que o PB não viola o Critério WH mesmo quando o elemento WH está *in situ*, pois ele não se caracteriza como operador em ES não precisa estar, portanto, em configuração Spec-Núcleo com um núcleo +WH.

Lopes-Rossi (1996) apresenta a análise de vários autores a respeito de WH *in situ* e questiona se em PB eles são de fato operadores que se movem em LF. A autora observa que os WHs *in situ* do PB podem aparecer adjungidos em alguns outros pontos na sentença na sintaxe visível, como o quantificador de (178) abaixo. Compare estas sentenças com os WHs *in situ* de (179), que podem aparecer no meio da sentença ou no início desta (Lopes-Rossi, 1996, exemplos (123) a (129)):

- (178) a. Os estudantes estão bebendo cerveja *todos* no bar.
b. Os estudantes estão *todos* bebendo cerveja no bar.
c. Os estudantes *todos* estão bebendo cerveja no bar.
d. *Todos* os estudantes estão bebendo cerveja no bar.

- (179) a. Os estudantes estão bebendo cerveja *onde*?
b. Os estudantes estão *onde* bebendo cerveja?
c. *Onde* os estudantes estão bebendo cerveja?

A autora observa que ocorre o mesmo em japonês. Lopes-Rossi conclui daí que WH *in situ* em PB é um QP (sintagma quantificacional) que toma escopo pelo mecanismo de “ligação não-seletiva”, baseado em Pesetsky (1987) e afirma que o morfema interrogativo abstrato do PB é gerado em I e permanece nessa posição. Assim, WH *in situ* se submete a uma regra de alçamento de quantificador em LF que os adjunge a IP. A partir da análise de outras línguas que possuem WH *in situ*, a autora conclui que línguas marcadas [- movimento WH], isto é, que permitem WH *in situ*⁴⁵, como o PB, possuem flexão pobre, pois seu INFL, juntamente com o morfema Q⁴⁶, é incapaz de se mover para C por falta de traços distintivos de pessoa⁴⁷.

Os exemplos (178) e (179) acima, que Lopes-Rossi utiliza como argumento para mostrar que WH *in situ* em PB é um QP têm problemas, pois um modificador como *ontem* também pode aparecer em vários lugares na sentença. Se um modificador pode “passear” na sentença como em (180) abaixo da mesma forma que um quantificador em (178) acima, não há evidências para provar que *onde* em (179) acima se comporta como um quantificador, pois outros elementos podem ocupar várias posições na sentença, tal como

⁴⁵ Repare que na análise de Lopes-Rossi (1996) não há distinção entre movimento WH e movimento de V + I.

⁴⁶ Segundo Lopes-Rossi (1996), línguas orientais, de WH *in situ*, possuem um morfema interrogativo Q lexicalmente manifesto. Em PB tal morfema é, segundo a autora, um traço de IP sem manifestação morfológica.

⁴⁷ Lopes-Rossi segue Galves (1991), segundo a qual a concordância verbal em PB é fraca morfológicamente pela ausência da segunda pessoa e semanticamente pela possibilidade de interpretação da terceira pessoa do singular como indeterminada. No entanto, observamos que na Região Sul do Brasil essa ausência da segunda pessoa do singular não se verifica. Confira exemplos (36b,c) e (38c) no Capítulo 1).

um modificador. Adicionalmente, é difícil demonstrar efetivamente que *onde* está adjungido a IP e não em CP:

- (180) a. Os estudantes estavam bebendo cerveja no bar *ontem*.
b. Os estudantes estavam bebendo cerveja *ontem* no bar.
c. Os estudantes estavam *ontem* bebendo cerveja no bar.
d. Os estudantes *ontem* estavam bebendo cerveja no bar.
e. *Ontem* os estudantes estavam bebendo cerveja no bar.

E se a proposta de Lopes-Rossi com respeito à relação estreita entre movimento WH e riqueza da flexão está correta, o inglês, que possui um quadro flexional pobre, deveria se comportar da mesma forma que o PB no que concerne a WH *in situ*. Entretanto, como vimos na seção 2.1.2 do capítulo 2, o fenômeno WH *in situ* em inglês só ocorre em contextos muito restritos, como nas interrogativas múltiplas.

Outro problema para a proposta da autora de que línguas com WH *in situ* de fato não possuem verdadeiros operadores WH, mas antes quantificadores que se adjungem a IP, é a existência de WH *in situ* em PE atual (cf. Menuzzi, 1993), já que essa língua apresenta movimento do verbo para C e inegavelmente seus constituintes interrogativos ocupam Spec CP.

Além disso, dentro da análise da autora, interrogativas com WH *in situ* não deveriam apresentar efeito de ilha, já que são QPs e tomam escopo por ligação não-seletiva. Entretanto, os exemplos abaixo mostram o oposto:

- (181) a. ??A Maria conhece o bar onde a Ana encontrou que cara?
b. *A Maria conhece o bar onde a Ana encontrou quem?

- (182) a. ???Que cara a Maria conhece o bar onde a Ana encontrou?
b. *Quem a Maria conhece o bar onde a Ana encontrou?

Se as interrogativas (181a) e (182a) são melhores que as interrogativas (181b) e (182b), parece plausível pensar que a proposta de Pesetsky (1987) para WH *in situ* tem

mais consistência. Na análise de Pesetsky, (181a)/(182a) se comportam como sintagmas D-linked, por isso não apresentam efeito de ilha. Já (181b)/(182b), como sintagmas não-D-linked, apresentam efeito de ilha. Isso mostra que existem dois tipos de *WH in situ*, um que se comporta como quantificador (D-linked) e outro que é um operador (não-D-linked).

Finalmente, na descrição dos dados, capítulo 1, vimos que interrogativas matrizes em PB aparentemente podem apresentar *WH in situ*. Porém, podemos levantar a questão sobre o estatuto de interrogativa dessas frases e, portanto, sobre a existência real do fenômeno *WH in situ* em PB em sentenças que apresentam só um elemento interrogativo. Para tanto, tomamos respaldo no fato de existir, por um lado, falantes que aceitam normalmente construções interrogativas com *WH in situ* e, por outro, falantes que as consideram marginais e que dão a elas preferencialmente interpretação *eco*.

2.3. Sobre a Inserção de *é que/que*

Quanto às interrogativas com expletivo *é que*, Lopes-Rossi (1996) propõe que elas resultam da extração WH de uma estrutura clivada invertida. A autora adota Kayne (1994), segundo o qual uma estrutura clivada (CLIV) apresenta um verbo *ser*, o qual subcategoriza um CP. O constituinte focalizado será movido para o Spec deste CP, como (183a)⁴⁸ abaixo. Lopes-Rossi supõe adicionalmente que, se este constituinte for movido para um Spec da sentença matriz, teremos uma clivada invertida (CLIVinv), como (183b):

- (183) a. Fui [_{CP} EU_i [que [t_i a tomei]]]
b. Isso_i é [t_i [que [t_i é milagroso]]]

A autora observa que o elemento focalizado na CLIVinv (184a) é o elemento sobre o qual incide a interrogativa WH em (184b) abaixo:

- (184) a. Isso é que eu estou falando.
b. O que é que você está falando?

⁴⁸ Os exemplos (183) a (186) correspondem, respectivamente, aos exemplos (4), (5), (90) e (91) do capítulo 5 de Lopes-Rossi (1996).

Como na análise de Lopes-Rossi não há movimento WH em PB, a autora assume que PE e PB apresentam estruturas diferentes com relação às interrogativas com *é que*, já que em PB o elemento interrogativo e o elemento clivado são adjuntos a IP. Se estamos falando de simples adjunção, Mioto (c.p.) questiona por que o movimento WH é obrigatório em interrogativas com *é que*.

Lopes-Rossi acredita que a análise acima contribui para a abordagem do apagamento da cópula em interrogativas que apresentam *WH que*. A autora levanta duas hipóteses para explicar tais estruturas em PB. Na primeira, uma interrogativa como (185a) seria como (185b) antes do apagamento:

- (185) a. O que que o senhor diz disso?
- b. O que é que o senhor diz disso?

A segunda hipótese se baseia na proposta de Kato & Raposo (1994), segundo a qual (185a) acima corresponde a (186) abaixo, antes do apagamento da cópula:

- (186) É o que que o senhor diz disso?

Apesar de arrolar as duas hipóteses acima, Lopes-Rossi não mostra claramente como *que* e *é que* se relacionam dentro das interrogativas WH. E, ainda, é de se notar que o exemplo (186) só pode ser interpretado como pergunta-eco e não como uma estrutura interrogativa comum.

Assumimos a hipótese da não equivalência entre interrogativas com *WH é que* e com *WH que* comentada por Mioto & Figueiredo Silva (1995) e assumida por Mioto (1997), já que as evidências em favor da hipótese da não equivalência se mostram mais consistentes. No capítulo 2 vimos que, segundo esta hipótese, sentenças como (185a) acima não derivam de sentenças como (185b) e são, na verdade, estruturalmente diferentes.

3. Interrogativas Y/N

Quando descrevemos as interrogativas Y/N do PB no capítulo 1, notamos que elas podem ser respondidas afirmativamente de várias maneiras: menos frequentemente com a partícula SIM, mais frequentemente com o verbo finito (principal ou auxiliar) ou com advérbios que antecedam o verbo finito. Esta seção tem por objetivo discutir este fenômeno. Para tanto, vamos abordar dois estudos que tratam deste assunto, Kato & Tarallo (1993) e De Oliveira (1996).

Em um estudo acerca das respostas afirmativas a interrogativas Y/N em línguas naturais, Kato & Tarallo (1993) mostram que em PB, assim como em japonês, o verbo flexionado pode aparecer sozinho na resposta. Isso, segundo os autores, se deve ao fato de o PB possuir um sistema pobre de clíticos e de o japonês não o possuir.

Os autores mostram que as línguas naturais exibem nas respostas Y/N uma partícula assertiva do tipo *sim*, que designam P, a qual pode ser seguida por uma forma sentencial SE. SE pode ser elíptica quanto ao sujeito, elíptica quanto ao sujeito e ao objeto, ou não elíptica. Os elementos implícitos podem ser recuperados a partir da pergunta que provocou a resposta:

- (187) a. Have you seen John? (inglês)
– Yes, I have [seen him].
- b. Est-ce que tu as vu Jean? (francês)
– Oui, je l'ai vu.
- c. Hai visto Gianni? (italiano)
– Sì, l'ho visto
- d. Jun-o mimashita-ka? (japonês)
– Hai, mimashita.
- e. Você viu o João?
– Sim, [eu] vi.

Em princípio, Kato & Tarallo sustentam que em todas essas línguas o elemento portador da flexão manifesta-se obrigatoriamente na SE, variando somente a manifestação lexical de seus argumentos. Desta forma, o inglês, (187a) acima, manifesta elipse de VP quando o auxiliar é o portador do tempo; mas se o verbo principal é retomado,

obrigatoriamente seus argumentos aparecem como pronomes. Em francês (187b), mesmo que o portador da flexão seja o auxiliar, não é possível elidir a forma sentencial. No italiano (187c) o argumento sujeito pode aparecer elíptico, mas o clítico objeto não. No japonês (187d) tanto sujeito como objeto podem aparecer elididos. E no PB (187e), o pronome sujeito pode se manifestar, enquanto o objeto é quase sempre elidido.

Para o PB, os autores mostram também que qualquer verbo pode aparecer como núcleo de SE. Os auxiliares podem ser núcleos sem o apoio do verbo principal em PB porque, diferentemente do francês, mas como no inglês, os auxiliares constituem núcleos fonologicamente autônomos, como atesta (188a) abaixo, conforme (188):

(188) a. O João está correndo?

– Está.

b. O João correu?

– Correu.

c. O João viu o jogo?

– Viu.

Kato & Tarallo mostram que em PB alguns advérbios também podem ser o núcleo da SE. Eles explicam este fenômeno afirmando que o núcleo da asserção pode se deslocar da flexão para o advérbio *freqüentativo*, que se encontra em uma posição de especificador de V, como postula Pollock (1989)⁴⁹. Aqui está uma primeira explicação para a inadequação de advérbios de tempo servirem como resposta⁵⁰, uma vez que sua posição é externa a SV. Isto será discutido mais adiante.

Uma vez que o comportamento de advérbios freqüentativos *stricto sensu* não é homogêneo nas línguas, os autores afirmam então que é possível considerar que certos advérbios são categorias que funcionam como *pro formas* verbais (*pro-SV*). Sendo esta uma propriedade lexical, não há uma explicação sintática para as diferenças intra ou interlingüísticas que possam surgir. Esta função *pro-SV* pode ser verificada, segundo os autores, através de coordenação:

⁴⁹ Citado por Kato & Tarallo (1993).

⁵⁰ Confira os exemplos (13) e (14) no capítulo 1, nos quais advérbios de tempo são dados como resposta.

- (189) a. Pedro nunca foi à Europa, mas João já.
b. Pedro nunca foi à Europa, mas João sim.
c. Pedro nunca foi à Europa, mas João foi.

A partir dos exemplos acima, Kato & Tarallo afirmam que o verbo é a *pro forma* universal do SV e que o advérbio é, incluindo *SIM*, uma segunda escolha, dependente da restrição lexical de cada língua. Desta forma, nas línguas com sistema de clíticos forte, como o italiano e o francês, não é possível reduzir a *pro-SV* ao verbo, pois seus argumentos devem aparecer cliticizados a ele.

Com base num conjunto de línguas, os autores concluem que línguas que apresentam um sistema rico de clíticos, não dispensam P. Por outro lado, línguas com um sistema empobrecido, como o PB, ou inexistente, como o japonês, admitem P, SE, ou P+SE.

Para verificar quanto e como do que foi exposto acima se manifesta qualitativamente nos dados orais do PB, os autores efetuam uma análise empírica desta língua. Foram verificados quatro pontos principais, a saber, a produtividade da partícula *SIM* frente às suas formas variantes (o verbo finito, o auxiliar e alguns advérbios); a variação entre o uso exclusivo de P, o uso exclusivo de SE e a combinação P+SE; a estrutura interna de SE, no que concerne à presença do argumento externo; e, por fim, a avaliação subjetiva dos informantes sobre o uso da partícula *SIM* e sobre a variação entre SE e P+SE.

Entre os resultados encontrados pelos autores, foi constatado que a partícula *SIM* apresenta em PB uma leve marca estilística e que seu uso é restrito em relação às suas formas variantes.⁵¹ Os dados sugerem também que o uso exclusivo de P é inferior ao uso exclusivo de SE e que o uso simultâneo de P+SE ou SE+P é quase inexistente. Os autores constatam mais uma vez que o emprego de P caracteriza-se como marcador estilístico, desvinculando-o de ser presença obrigatória nas respostas afirmativas curtas.

No que diz respeito à estrutura interna de SE, Kato & Tarallo observam que a incidência de argumentos externos junto a SE é mínima e afirmam que, dada a baixa incidência de clíticos acusativos e do acusativo *ele* na fala, como atesta Duarte (1986,

1989)⁵², a presença de argumentos internos nas respostas tenderá a zero. Os autores afirmam, então, que a estrutura interna de SE em PB pode ser [- sujeito] [- objeto].

Os autores concluem também que a análise intralingüística do PB atesta que a variação desta língua se dá entre P e SE, onde este último é mais produtivo que P, e a combinação P+SE é marginal.

Esta estratégia de responder a uma interrogativa Y/N com o verbo finito ou com alguns advérbios é encontrada também em outras línguas, como observa De Oliveira (1996). A autora nota que a resposta a uma interrogativa no latim era dada com o verbo finito seguido ou não por um advérbio de modo (*sic / ita*) ou por um pronome neutro (*hoc*).

De Oliveira nota também que o PE atual apresenta respostas do tipo verbal para interrogativas de foco largo, mas a partícula SIM é dada como resposta à interrogativas de foco estreito. Além disso, é possível encontrar nesta língua respostas com advérbios e quantificadores desde o século XVII. Estes fatos revelam, segundo a autora, um caráter conservador das respostas do tipo verbal e adverbial do PB.

Um dado interessante observado por De Oliveira é que em PB é possível responder a interrogativas Y/N com a cópula *É* se tivermos um complexo verbal com um verbo leve e um verbo principal ou temático:

(190) Ele chegou dizendo que estava cansado?
- *É*

A autora explica a resposta com a cópula *É* neste caso como um mecanismo que o locutor usa para evitar a resposta com apenas um dos verbos do complexo verbal. De Oliveira nota também que na interrogativa (191) abaixo, se nenhuma das sentenças estiver subentendida, só é possível responder com a cópula *É*. Entretanto, se uma das orações estiver subentendida, é possível responder com o verbo flexionado da outra oração:

(191) Ela veio porque pensou que o Miguel estava aqui?
- *É* / *Veio / *Pensou
- Veio [se a segunda oração estiver subentendida]

⁵¹ De Oliveira (1996) chega à mesma conclusão de Kato & Tarallo quanto ao uso da partícula *SIM* em PB, que aparece quase sempre vinculada à contextos formais.

⁵² Citado por Kato & Tarallo (1993).

– Pensou [se a primeira oração estiver subentendida]

De Oliveira defende ainda que a resposta verbal em PB está sendo substituída pela cópula *É*, pois seu estudo diacrônico mostrou que seu uso vem crescendo em relação a outros tipos de resposta.

Retomando a descrição das interrogativas Y/N, capítulo 1, podemos levantar a hipótese de que em PB a resposta afirmativa a uma interrogativa Y/N afirmativa será algo que esteja em IP, a flexão, ou algo que esteja acima desta e que tenha algum caráter quantificacional, porque a interrogação recai sobre o elemento que tem escopo mais alto na sentença.

Assim, respondemos com a flexão mais alta da sentença, porque o escopo da interrogação recai sobre ela. Como não é possível responder só com a flexão, respondemos com o verbo flexionado (V + I) que a sustenta. +

Da mesma forma, quando temos uma seqüência verbal, como vimos no capítulo 1 (exemplo (8)), o primeiro verbo finito, aquele sobre o qual recai o escopo da interrogação, é que será dado como resposta. Quando temos uma interrogativa clivada, a resposta é dada com a flexão da clivada, pois o verbo que carrega a flexão é o mais alto.

Quando introduzimos advérbios do tipo *já, nunca, sempre, etc.*, nas interrogativas Y/N matrizes as respostas incluem esses advérbios porque o escopo da interrogação recai sobre eles, já que precedem a flexão, isto é, o verbo finito mais alto da sentença. Entretanto, se um desses advérbios estiver posposto ao verbo finito mais alto da sentença, como no exemplo (11b) do capítulo 1, onde os advérbios *já* e *nunca* estão na sentença encaixada, o escopo recairá sobre o verbo e este então será dado como resposta.

Repare que no caso de uma resposta negativa a uma interrogativa de negação como (192) abaixo, o escopo da pergunta recai sobre o advérbio de negação porque este antecede o verbo finito:

(192) O João não foi trabalhar hoje?

– Não foi.

Se uma interrogativa Y/N incluir dois advérbios, como no exemplo (12) do capítulo 1, o que fará parte da resposta será aquele que estiver mais alto na sentença, pois o escopo da interrogação recairá sobre ele.

Todavia, vimos que certos advérbios, mesmo prepostos ao verbo finito (*cedo* e *onde* nos exemplos (13) e (14)) não podem ser dados como resposta porque não têm caráter quantificacional. Podemos concluir, então, que somente advérbios com caráter quantificacional podem ser dados como resposta quando precedem o verbo finito mais alto de uma interrogativa Y/N. Advérbios de VP, como *completamente*, são muito baixos para aparecer na resposta.

Além das respostas citadas acima, em PB ainda é possível responder a interrogativas Y/N com quantificadores em posição de sujeito, como vimos no capítulo 1 (exemplos de (17)), fato que não foi mencionado por Kato & Tarallo (1993).

Finalmente, podemos questionar se existe ou não interrogativas Y/N encaixadas, já que a resposta a estas estruturas geralmente recai sobre o verbo da oração principal. Concluimos que interrogativas Y/N encaixadas existem, porém, só é possível responder a sentença encaixada com a cópula *É*, como observou De Oliveira (1996).

CONCLUSÃO

Neste estudo sobre interrogativas do PB vimos que esta língua muitas vezes se comporta de modo diferente de outras línguas naturais, como o alemão e o inglês.

O PB geralmente mantém a ordem SV canônica das sentenças declarativas nas interrogativas Y/N e WH, enquanto línguas como o alemão, o inglês, o PE, e o espanhol de modo geral reorganizam os elementos da sentença.

As interrogativas WH do PB que apresentam a ordem VS, como vimos no capítulo 1 e discutimos no capítulo 3, representam casos isolados, que trazem, na maioria deles, verbos copulares e são, muitas vezes, estruturas cristalizadas na língua. Portanto, tais interrogativas não são sentenças comuns no PB, pois ocorrem em contextos muito restritos. Isso nos leva a crer que o PB via de regra apresenta somente a ordem SV para interrogativas WH. Entretanto, mesmo apresentando a ordem SV, o PB satisfaz o Critério WH através de Concordância Dinâmica, como explanado no capítulo 3.

Nas interrogativas WH com inserção de expletivo, alguns fatos ainda precisam ser explicados, como por exemplo o fato de *WH é que* ser possível em PB e PE, mas *WH que* ser possível somente em PB.

Levantamos também a questão sobre a existência de *WH in situ* em PB, já que para muitos falantes estruturas com *WH in situ* só podem receber a interpretação eco. Neste caso, outra abordagem deveria ser desenvolvida para tratar destas estruturas, uma vez que que pergunta-eco não pode ser considerada uma interrogativa comum.

Observamos também que no estudo das interrogativas Y/N, o que mais chama a atenção é o tipo de resposta que elas recebem. Entretanto, pudemos perceber que não existem muitos estudos acerca dessa questão, o que deixa muitos fenômenos sem explicação. As respostas verbais, adverbiais, com quantificadores na posição de sujeito e com a cópula *É*, dadas às interrogativas Y/N em PB merecem, pois, um estudo mais atento em trabalhos futuros.

Embora tenhamos esclarecido várias questões acerca das interrogativas do PB, ficam, no entanto, alguns problemas em aberto esperando explicações mais adequadas dentro do quadro da Teoria Gerativa.

BIBLIOGRAFIA

- AMBAR, Manuella. (1987) "Gouvernement et inversion dans les interrogatives QU- en portugais". *Recherches Linguistiques* 16.
- De OLIVEIRA, Marilza. (1996) *Respostas Assertivas e sua Variação nas Línguas Românicas: o seu papel na aquisição*. Tese de doutorado - Unicamp.
- DUARTE, M. E. (1992) "A Perda da Ordem V(erbo) S(ujeito) em Interrogativas Qu- no Português do Brasil", in *D.E.L.T.A.* 8, N. especial: 37-52.
- HAEGEMAN, L. (1995) *Introduction to Government & Binding Theory*. 2ed. Cambridge, Massachusetts.
- KATO, Mary A. & RAPOSO, Eduardo. (1994) "European and Brazilian Portuguese Word Order: Questions, Focus and Topic Constructions", in Parodi et aliie (eds) *Romance Linguistics in Los Angeles*, Washington: Georgetown U. Press.
- KATO, Mary A. & TARALLO, Fernando (1992) "Sim: respondendo afirmativamente em português", in M. Sofia Z. de Paschoal & M. Antonieta A. Celani (orgs.) *Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*, Educ, São Paulo.
- KATO, Mary A. (1993) *Word Order Change: The Case of Brazilian Portuguese WH-Questions*. International Congress of Historical Linguistics, mimeo.
- LOPES-ROSSI, M. Aparecida G. (1996) *A Sintaxe Diacrônica das Interrogativas-Q do Português*. Tese de Doutorado. Campinas, São Paulo.
- MENUZZI, Sérgio. (1993) "Some Observations on Verb Movement in Portuguese WH Questions." ms, HIL/Leiden University.

- MENUZZI**, Sérgio. (1994) "Algumas observações acerca do Movimento de Verbos nas Interrogativas Wh do Português". (Trad. Fábio Luiz L. da Silva). *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.29, n.2, p.19-33, junho de 1994.
- MIOTO**, Carlos (1997) "WH é que ≠ WH que". mimeo.
- MIOTO**, Carlos. & M. C. FIGUEIREDO SILVA (1995) "WH que = WH é que?" *D.E.L.T.A* n° 11, vol. 2, p. 301-311, 1995.
- MIOTO**, Carlos. (1994) "As Interrogativas no Português Brasileiro e o Critério WH?". *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre. n° 2, vol. 29, p. 19-33, junho 1994.
- PESETSKY**, David (1987). "WH *in situ*: Movement and Unselective Binding" In E.J. Reuland & A.G.B. ter Meulen, eds. *The Representation of (In)definiteness*. MIT Press: Cambridge MA, USA.
- RIZZI**, L. (1991) "Residual V-second and the Wh-criterion". *Technical Reports in Formal and Computational Linguistics 3*. Université de Genève.
- SIKANSI**, Nilmara (1994) *A Estrutura das Sentenças com Pronome Interrogativo*. Dissertação de Mestrado - Unicamp.
- TORREGO**, E. (1984) "On Inversion in Spanish and Some Its Effects". *Linguistic Inquiry*, vol.15, n.1, The Massachusetts Institute of Technology.
- WAICHEL**, Simone L. (1997) *A Ordem dos Constituintes no Alemão*. Dissertação de mestrado. Florianópolis, agosto de 1997.